



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO - CCE  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS – DLLV  
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

DANDARA SILVEIRA MONTEIRO

**“CABELO CURTO NÃO É COISA DE HOMEM”**: OS DISCURSOS ON-LINE SOBRE  
OS CABELOS DAS MULHERES NO BRASIL

Florianópolis

2022

DANDARA SILVEIRA MONTEIRO

**“CABELO CURTO NÃO É COISA DE HOMEM”**: OS DISCURSOS ON-LINE SOBRE  
OS CABELOS DAS MULHERES NO BRASIL

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literatura Vernáculas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Letras.  
Orientador: Prof. Atilio Butturi Junior, Dr.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Monteiro, Dandara Silveira

"Cabelo curto não é coisa de homem" : os discursos online sobre os cabelos das mulheres no Brasil / Dandara Silveira Monteiro ; orientador, Atilio Butturi Junior, 2022.

65 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Português, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Letras Português. 2. Análise do discurso. 3. Cabelo. 4. Estética negra. 5. Gênero. I. Butturi Junior, Atilio. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras Português. III. Título.

Dandara Silveira Monteiro

**“Cabelo curto não é coisa de homem”:** os discursos on-line sobre os cabelos das mulheres no Brasil

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharela em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura Vernáculas.

Florianópolis, 15 de julho de 2022.



Documento assinado digitalmente  
**Carla Regina Martins Valle**  
Data: 25/08/2022 09:26:24-0300  
CPF: 023.750.099-08  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Carla Regina Martins Valle, Dr.  
Coordenadora do Curso

**Banca examinadora**



Documento assinado digitalmente  
**Atilio Butturi Junior**  
Data: 13/08/2022 10:12:49-0300  
CPF: 030.896.399-71  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Prof. Atilio Butturi Junior, Dr.

**Orientador**



Documento assinado digitalmente  
**CAMILA DE ALMEIDA LARA**  
Data: 14/08/2022 09:04:55-0300  
CPF: 018.293.800-01  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Camila de Almeida Lara, Dr.<sup>a</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Avaliadora**



Documento assinado digitalmente  
**Nathalia Muller Camozzato**  
Data: 15/08/2022 18:49:53-0300  
CPF: 013.616.870-10  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Nathalia Müller Camozzato, Dr.<sup>a</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Avaliadora**

A todas as pessoas crespas, cacheadas, compridas, curtas, carecas, negras, ruivas, morenas,  
loiras, transicionadas, empoderadas, subjetivadas, (des)construídas, transformadas e  
culturalmente “loucas” que encontrei pelos tra(n)çados da vida!

## AGRADECIMENTOS

Às mulheres da minha família, pela ancestralidade, pela espiritualidade e pelo amor.

À minha mãe, Soila, que é o meu maior exemplo de generosidade, de bondade e de doçura. Gratidão por tudo e por tanto!

Ao meu companheiro, Aldair, sempre paciente e parceiro, me dizendo as coisas certas nos momentos de desespero, mas também alegrando os meus dias. Só sei dizer que te amo!

Ao meu orientador, Atilio, pela presença, pelos aprendizados e pelo afeto. Não tenho palavras para descrever a imensidão da minha admiração por ti, agradeço por fazer parte de tantas jornadas comigo.

À Bianca, que me incentivou e me ajudou a concluir esta etapa. Sou sua fã, especialmente pela pessoa iluminada e potente que você é!

Às minhas amigas Verônica, Cleuza e Luciene, sempre maravilhosas e simplesmente incríveis. Sem vocês, essa graduação não teria sido tão especial.

Aos meus “padinhos”, Fabiana e Junior, que me ensinam a ver o lado bom das coisas e a levar a vida com leveza.

À Camila e à Nathalia, que aceitaram participar da banca e que admiro demais. Para mim, é uma honra poder compartilhar esta etapa com vocês!

Às professoras e aos professores da graduação, pelas discussões e trocas importantes para a minha trajetória acadêmica.

*Irmãs, vamos falar de cabelo!*

(Madam C. J. Walker)

## RESUMO

Este trabalho trata da relação dos cabelos curtos ou raspados em mulheres e os discursos de libertação frequentemente associados a essas práticas. Assim, o objetivo é analisar os discursos a respeito das mulheres de cabelos curtos ou carecas difundidos como práticas de resistência aos padrões de feminilidade historicamente impostos às mulheres. Para isso, foram analisados os comentários feitos em duas publicações da influenciadora digital *Blogueira de Baixa Renda* no *Youtube* e no *Instagram* em que a temática do “cabelo curto” aparece. Nesse sentido, atentei-me aos discursos mais recorrentes nos comentários, observando a regularidade dos enunciados dentro dos discursos de liberdade, a fim de fazer uma genealogia, tal como propõe Foucault, a respeito dessas práticas corporificadas que se materializam ambigualmente no discurso. Desse modo, observou-se, por meio dos comentários, o entrecruzamento dos discursos de: 1) liberdade e beleza; 2) doença e sofrimento e; 3) coragem no interior das práticas de cortar ou raspar os cabelos, num processo de resistência e, ao mesmo tempo, de normatização. No entanto, ainda que os discursos das mulheres que optam por cortar ou raspar os cabelos voltam-se, em muitos dos casos, a enunciados de beleza e de autoestima, essas práticas causam positividade por atuarem na construção da subjetivação dessas mulheres.

**Palavras-chave:** análise do discurso; biopolítica; corpo; cabelos; gênero.

## ABSTRACT

This paper deals with the relationship of short or shaved hair in women and the discourses of liberation often associated with these practices. Thus, the objective is to analyze the discourses regarding women with short or bald hair disseminated as practices of resistance to the standards of femininity historically imposed on women. For this, the comments made in two publications of the digital influencer Low Income Blogger on Youtube and Instagram in which the theme of "short hair" appears were analyzed. In this sense, I paid attention to the most recurrent discourses in the comments, observing the regularity of the statements within the discourses of freedom, in order to make a genealogy, as proposed by Foucault, about these embodied practices that materialize ambiguously in the discourse. Thus, it was observed, through the comments, the intersection of the discourses of: 1) freedom and beauty; 2) disease and suffering and; 3) courage within the practices of cutting or shaving the hair, in a process of resistance and, at the same time, of standardization. However, although the discourses of women who choose to cut or shave their hair turn, in many cases, to statements of beauty and self-esteem, these practices cause positivity by acting in the construction of subjectivation of these women.

**Keywords:** discourse analysis; biopolitics; body; hair; gender.

## LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 – Josephine Baker.....	29
Imagem 2 – Veronica Lake e os seus famosos cabelos cacheados .....	30
Imagem 3 – As mulheres nos movimentos negros que também defendiam os cabelos naturais .....	31
Imagem 4 – Cabelos curtos populares nos anos de 1990 e início dos anos de 2000.....	32
Imagem 5 – Jaden Smith após aderir à careca.....	32
Imagem 6 - Foto inicial do vídeo Mudança radical no cabelo, GOSTASTES? .....	36
Imagem 7 – Publicação <i>Cabelo curto não é coisa de homem</i> .....	36
Imagem 8 – Influenciadoras e personalidades mencionadas por Nathaly Dias em sua publicação.....	37

## SUMÁRIO

<b>1 DE ONDE VIEMOS: SITUANDO OS DISCURSOS .....</b>	<b>13</b>
<b>2 A BIOPOLÍTICA, OS RACISMOS E A PRODUÇÃO DE SI .....</b>	<b>17</b>
<b>3 OS DISCURSOS FEMINISTAS E SEUS ATRAVESSAMENTOS NO CORPO E NO CABELO .....</b>	<b>23</b>
<b>4 DISCURSOS LINEARES SOBRE OS CABELOS CURTOS .....</b>	<b>29</b>
<b>5 PARA ONDE E POR ONDE VAMOS .....</b>	<b>35</b>
<b>6 “CORTAR O CABELO FOI LIBERTADOR” – UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS VIRTUAIS.....</b>	<b>39</b>
6.1 OS DISCURSOS DE LIBERDADE E SUAS AMBIGUIDADES .....	43
6.2 OS DISCURSOS DE RECUSA DOS PADRÕES HETEROCISNORMATIVOS.....	51
6.3 OS CABELOS CURTOS E OS DISCURSOS DE DOENÇA .....	57
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>



## 1 DE ONDE VIEMOS: SITUANDO OS DISCURSOS

As reflexões neste trabalho partem de uma inquietação a partir do curta de animação *Hair Love*<sup>1</sup>, ganhador do Oscar de Melhor Curta de Animação em 2020. No filme, Angela é uma blogueira de cabelos afros que, por problemas de saúde, fica careca e tem dificuldades em se aceitar, evidenciando que, mesmo entre as mulheres que defendem discursos de amor-próprio e de empoderamento a partir dos fios, há uma desconstrução exigida das mulheres que perdem os cabelos.

Tal discurso da desconstrução também é vivenciado por aquelas que optam por cortar os cabelos por motivos que não envolvem condições clínicas, sendo comum o equívoco de que mulheres cortam ou raspam seus cabelos apenas por conta de problemas de saúde, além de discursos morais que relacionam cabelo com sexualidade, associando as orientações sexuais das mulheres aos “cabelos curtos”, numa “busca por características masculinas”, conforme será abordado no capítulo de análise.

Assim, observando um aumento significativo nos últimos anos de discursos a respeito dos corpos e dos cabelos, nota-se que a prática de cortar ou raspar os cabelos em pessoas que se identificam como mulheres também se intensificou e, nessa esteira, os enunciados de liberdade, de coragem e de empoderamento ancorados nessas práticas – como defendi na dissertação “Hoje eu sei me expressar”: os discursos de empoderamento e de naturalização nas narrativas da transição capilar (MONTEIRO, 2020). No movimento de recusa dos padrões, os enunciados a respeito da feminilidade atrelada ao cabelo comprido também passam a suscitar, numa tentativa de manutenção das normas, e muitas mulheres precisam justificar com frequência que cortar ou raspar os cabelos é uma escolha, conforme relatado no blog *Cachos e Fatos*:

Não é todo mundo que aguenta a pressão da sociedade, não! [...] Primeiro, porque sou de uma área do sudeste do Brasil, que só se corta o cabelo de uma mulher bem curtinho quando ela fez alguma coisa muito errada... aqui é castigo! Segundo, porque a primeira coisa que me perguntaram após o grande corte foi se eu estava com câncer ou HIV; terceiro, porque ainda tive que ouvir na loja de vestido de noiva: – Mas você vai casar assim de cabelo curto???

---

<sup>1</sup> Em *Hair Love*, a história gira em torno dos cabelos da menina Zuri, que deseja repetir um penteado feito por sua mãe, Angela, blogueira de cabelos afros. No curta, Angela está careca por conta de problemas de saúde e, por isso, esconde sua cabeça com o uso de lenços. Assim, ao longo da história, Zuri, Angela e Stephen, pai da menina, precisam desconstruir alguns aspectos relacionados à raça e ao gênero.

Nem vou comentar das vezes que me perguntaram sobre minha orientação sexual [...] Vejam vocês aqui o ponto que algumas pessoas chegaram. Afinal, o que tem a ver o comprimento do cabelo com a sexualidade, e qual problema teria se eu fosse de fato homossexual, não seria uma opção apenas minha? Por isso, quando ouvia essa blasfêmia, não sabia se ria ou se chorava, ou até mesmo se saía andando e deixava essas pessoas no vácuo, para ver se elas conseguiriam refletir sobre a vida [...]. (OLIVEIRA *apud* GIAMPÁ, 2016a)

Em vista disso, a justificativa para a escolha do tema se deu por conta dos discursos a respeito do cabelo de Nathaly Dias – dona do perfil *Blogueira de Baixa Renda* nas redes sociais – que, depois de decidir cortar os cabelos curtos, fez uma publicação em seu *Instagram* a respeito da liberdade de escolha das mulheres, por ter recebido muitos comentários negativos sobre o seu cabelo, considerado “de homem”. A partir da quantidade de comentários e curtidas dessa publicação, decidi, então, analisar esses comentários, considerando a função estratégica do dispositivo capilar e os tensionamentos dos discursos de empoderamento e de normalidade observados nesses comentários.

Desse modo, tratarei da relação de presença ou ausência de cabelos em pessoas que se identificam como mulheres e os discursos de libertação, analisando a temática do cabelo curto em comentários postados no vídeo *Mudança radical no cabelo, GOSTASTES?* e na publicação *Cabelo curto não é coisa de homem*, ambas de Nathaly Dias (*Blogueira de Baixa Renda*). Nesse sentido, o **objetivo principal** deste estudo é analisar os discursos a respeito das mulheres de cabelos curtos ou carecas considerando a ambiguidade desses discursos que, por um lado, podem ser lidos como resistências aos padrões de feminilidade historicamente estabelecidos e, por outro, solicitam desconstruções e autoaceitação, por meio de enunciados de beleza.

**Minha hipótese inicial** era de que há ambiguidades nos discursos e nas práticas de cortar ou raspar os cabelos que ora operam na construção de subjetivação das mulheres, por meio de enunciados gênero-corporificados de liberdade e de empoderamento, ora na dessubjetivação, na medida em que a não aceitação dos cabelos aparece ancorada em enunciados de beleza, que mantém certa norma.

Para a análise, partirei da genealogia foucaultiana para refletir sobre o modo como alguns enunciados emergem ao invés de outros, atentando-me aos discursos mais recorrentes nos comentários, pensando numa regularidade desses enunciados dentro dos discursos de resistência, em sua polivalência tática (FOUCAULT, 2017). Pretendo, então, observar os tensionamentos do dispositivo capilar, considerando-o como:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2007, p. 244)

No que diz respeito às tecnologias de controle dos corpos, a biopolítica também será abordada ao longo deste trabalho por atravessar esses discursos de resistência, a partir de estratégias de exclusão gênero-corporificadas.

Adiante, considerando os saberes como parciais e localizados (HARAWAY, 1995), pretendo aqui dar conta de um fragmento no interior dos dispositivos capilares e dos discursos de empoderamento e de resistência a partir do cabelo, concordando que:

[...] todos os olhos, incluídos os nossos olhos orgânicos, são sistemas de percepção ativos, construindo traduções e modos específicos de ver, isto é, modos de vida. Não há nenhuma fotografia não mediada, ou câmera escura passiva, nas explicações científicas de corpos e máquinas: há apenas possibilidades visuais altamente específicas, cada uma com um modo maravilhosamente detalhado, ativo e parcial de organizar mundos. (HARAWAY, 1995, p.22)

Assim sendo, no capítulo a seguir tratarei dos conceitos propostos por Foucault de biopolítica e dos racismos para pensar no controle dos corpos e dos cabelos. Depois, vou-me para as discussões de gênero e de raça por meio das teóricas feministas e feministas negras para refletir sobre as relações do cabelo com as concepções de feminilidade, sexualidade, liberdade e resistências. Em seguida, proponho um pequeno recorte histórico a respeito dos cabelos curtos, apontando os apagamentos das mulheres negras e carecas nesse recorte, considerando que os discursos históricos são construídos a partir de determinadas urgências históricas que invisibilizam determinadas práticas em detrimento de outras, tentando, dentro do possível, observar os deslocamentos pelos quais o gênero e o corpo passaram e ainda passam na contemporaneidade.

Na sequência, apresentarei a trajetória de pesquisa, descrevendo os procedimentos metodológicos para a observação dos comentários nas publicações da *Blogueira de Baixa Renda*. Adiante, vou-me para a análise dos comentários selecionados nas publicações do *Youtube* e do *Instagram* da influenciadora, destacando as regularidades discursivas identificadas nesses comentários. Encerro com as considerações finais a respeito deste estudo e os possíveis desdobramentos a partir dele, considerando os deslocamentos do dispositivo capilar.



## 2 A BIOPOLÍTICA, OS RACISMOS E A PRODUÇÃO DE SI

Neste capítulo, tratarei das estratégias de exclusão, ou racismos de Estado (FOUCAULT, 2005), para pensar nos tensionamentos dos discursos a respeito dos cabelos curtos e das mulheres carecas. A partir da perspectiva foucaultiana de biopolítica, pretendo refletir de que forma o corte dos cabelos pode modificar a subjetivação das mulheres, a partir dos deslocamentos pelos quais passou o gênero, o corpo e o cabelo.

Assim, início as discussões desse capítulo com o percurso feito por Foucault a respeito da construção da biopolítica nas sociedades e suas relações com os racismos, tratando, ainda, dos atravessamentos das técnicas de controle na produção de si dos/as sujeitos/as.

Na *aula de 17 de março de 1976* (2005) e, ainda, em *Direito de morte e poder sobre a vida* (2017), Foucault faz uma descrição do funcionamento do poder e suas tecnologias de controle nas sociedades. Assim, o primeiro desses funcionamentos diz respeito ao poder soberano, em que tal poder tinha o propósito de proteger o soberano – aquele que comanda a todas as pessoas –, mantendo, dessa forma, os/as sujeitos/as controlados por ele para que possam viver, que se sacrifiquem por ele, caso esteja ameaçado por inimigos, ou sejam mortos publicamente, no caso de rebelaram-se contra ele. Desse modo, o poder soberano permitia “causar a morte ou deixar viver” (FOUCAULT, 2017, p. 146). Nesse sentido, “[...] o poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la” (FOUCAULT, 2017, p. 146). Assim, no poder soberano, a morte é que garante o direito de viver.

Adiante, Foucault aponta para uma mudança nas relações de poder durante a época clássica, em que as tecnologias de controle voltam-se para a vida, aperfeiçoada no corpo individual e inscrita no coletivo, numa perspectiva de disciplina individual e regulação coletiva. Na sociedade disciplinar, é introduzida a ideia de coletivo e de população, em que há a produção do coletivo, instaurando uma preocupação e um incentivo à vida coletiva, por meio da “proteção e garantida da vida desse coletivo”, mesmo que isso signifique massacrar outras populações consideradas inimigas. Assim, “As guerras já não se travam em nome do soberano a ser defendido; travam-se em nome da existência de todos; populações inteiras são levadas à destruição mútua em nome da necessidade de viver.” (FOUCAULT, 2017, p. 147).

Nesse sentido, o poder disciplinar visa à proteção biológica da vida. Por conta disso, Foucault aponta que essa sociedade possui dois polos de controle: o corpo produtivo, individual, que é máquina e se aperfeiçoa cada vez mais para atender a interesses capitalistas, e o corpo coletivo, por meio do controle populacional: nascimentos, óbitos, sanitização, ancorados em enunciados de “bem-estar” da população.

Então, a partir dessa centralidade da vida nos modos de controle das sociedades que Foucault conceitua a biopolítica como tecnologia de gestão da vida, em que o biológico e o político se entrecruzaram para regular e controlar os/as sujeitos/as. Por esse viés, a biopolítica é uma tecnologia de poder em que “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 2017, p. 150).

Ainda, de acordo com o autor, no nó entre o corpo e a população encontra-se a sexualidade. Segundo ele, “a sexualidade, na medida em que está no foco de doenças individuais e uma vez que está, por outro lado, no núcleo da degenerescência, representa exatamente esse ponto de articulação do disciplinar e do regulamentador, do corpo e da população” (FOUCAULT, 2005, p. 301). Sob essa perspectiva, o sexo e a sexualidade são, assim, os mecanismos de poder na sociedade de controle e, por isso, tornam-se fundamentais na biopolítica.

Pensando na construção dos/as/ sujeitos/as, adentrarei, pois, na estratégia de exclusão que sustenta as tecnologias de controle contemporâneas: o racismo. De acordo com Foucault (2005), o racismo encontra-se na base da biopolítica por ser o mecanismo que garante a vida por meio da preservação biológica da espécie. Nesse sentido, o racismo consiste no “[...] corte entre o que deve viver e o que deve morrer”. (FOUCAULT, 2005, p. 304), uma estratégia de exclusão em que vidas são consideradas mais ou menos dignas e, por isso, estas últimas não conseguem atingir o patamar biológico de “humanas”.

Ainda, conforme o autor:

[...] O racismo se forma nesse ponto (racismo em sua forma moderna, estatal, biologizante): toda uma política do povoamento, da família, do casamento, da educação, da hierarquização social, da propriedade, e uma longa série de intervenções permanentes no nível do corpo, das condutas, da saúde, da vida cotidiana, receberam então cor e justificação em função da preocupação mítica de proteger a pureza do sangue e fazer triunfar a raça. (FOUCAULT, 2017, p. 162)

Diante do exposto, Foucault estabelece que o racismo legitima a ação de tirar a vida das pessoas na sociedade normalizadora. Desse modo, o direito de matar se dá pelo racismo e a construção do Estado acontece a partir dessa estratégia de exclusão racializante. Para o autor, o racismo, além da raça, abrange a criminalidade, a loucura e todas as pessoas consideradas anormais, sendo, então, racismos indiretos.

A partir de Foucault, Mbembe (2011) reflete sobre o problema colonial dos racismos. Para isso, o autor trata da necropolítica – tecnologia de gestão da vida por meio da morte – para pensar no papel que a morte ocupa nas sociedades de controle. Assim, segundo ele “[...] A vida em si só existe em espasmos e no confronto com a morte” (MBEMBE, 2011, p. 125). Por essa perspectiva, a biopolítica atua na garantia da vida por meio da morte e o racismo, assim, opera como estratégia de exclusão.

Para o autor, o racismo influenciou na colonização a partir do processo de execução em série:

[...] facilitado pelos estereótipos racistas e pelo florescimento de um racismo baseado em classe que, ao traduzir os conflitos sociais do mundo industrial em termos raciais, acabou comparando as classes trabalhadoras e os “desamparados pelo Estado” do mundo industrial com os “selvagens” do mundo colonial. (MBEMBE, 2011, p. 129)

Desse modo, segundo Mbembe, selvagens são as pessoas que não são consideradas biologicamente humanas. Tal distinção é determinada, primordialmente, pela raça e, nessa animalização de raças consideradas inferiores, opera a tecnologia de morte da qual trata o autor, em que

Os selvagens são, por assim dizer, seres humanos “naturais”, que carecem do caráter específico humano, da realidade humana, de tal forma que, “quando os europeus os massacraram, de alguma forma não tinham consciência de que haviam cometido assassinato”. (MBEMBE, 2011, p. 133)

Diante do exposto, é necessário pontuar as distinções entre os conceitos de Foucault e de Mbembe apresentados. Este último aproxima-se de Foucault na medida em que parte da concepção biopolítica foucaultiana e suas cisões racializantes para pensar na necropolítica. Dessa maneira, para Mbembe (2011), a biopolítica não dá conta das tecnologias de vida e de morte contemporâneas, por isso ele teoriza a respeito da necropolítica, pois “[...] sob o necropoder, as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade desaparecem.” (MBEMBE, 2011, p.146). Por esse viés, a morte pode ser entendida como possibilidade de liberdade ou de resistência, diferente do modo como é entendida pela perspectiva biopolítica.

Além disso, Foucault trata da raça como uma das possibilidades de racismo enquanto Mbembe aborda a relação entre biopolítica, racialização e terror colonial, evidenciando atravessamentos da raça no processo de colonização e, ainda, de manutenção de raças consideradas inferiores por meio do extermínio daquelas culturalmente ditas inferiores. Ainda, o autor trata da necropolítica por um viés territorial que se distancia da biopolítica tal como propõe Foucault, já que Mbembe discute a relação entre as ex-colônias e seus colonizadores.

Desse modo, para Mbembe, a raça, a escravidão e a modernidade associam-se, já que as pessoas negras são socialmente tratadas como animais, no que se refere tanto à sua humanidade e subjetividade quanto ao trabalho. Não à toa, Mbembe afirma que o Negro

[...] foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria - a cripta viva do capital. (MBEMBE, 2014, p. 19)

Sob esse aspecto, o autor trata, também, das formas variadas de produção de exceção, ou microrracismos. Segundo ele, “É uma característica da escravidão ou do colonialismo produzir seres de dor, pessoas cuja vida é constantemente invadida por vários outros ameaçadores” (MBEMBE, 2017, p. 233). Nesse sentido, tais microrracismos operam na deteriorização da vida, mantendo as violências e as exclusões, tal como o dispositivo capilar analisado neste estudo, ainda que não causem a morte direta das pessoas não consideradas “humanas”.

Ainda de acordo com Mbembe (2017), nesse dispositivo, a linguagem é fundamental na produção e manutenção de exceção. Assim, me interessa pensar nos discursos que emergem a respeito dos cabelos e de como esses atravessam a constituição da subjetividade das pessoas que decidem cortar ou raspar os cabelos. A respeito da raça, por exemplo, é possível notar, nos comentários observados (apresentados mais à frente) as associações entre o imaginário negativo construído a respeito dos cabelos curtos ou carecas e os corpos negros, que também fazem parte dessa tecnologia violenta de manter as características e as pessoas negras no “patamar inferior” e negativo socialmente construído.

Dessa forma, o cabelo curto ou careca nas mulheres torna-se uma forma de discriminação – ou dispositivo de segregação (nos termos de Mbembe) –, que impõe não só a feminilidade, mas também a branquitude como socialmente aceita. Nesse caso, as pessoas que

decidem cortar ou raspar os cabelos inscrevem-se nesse jogo ambivalente de poder-resistências, que também opera na produção de si dos/as sujeitos/as, como venho debatendo.

Ainda nessa produção de exceção dos microrracismos, no capítulo seguinte tratarei dos silenciamentos denunciados pelas mulheres negras nos movimentos feministas, que evidenciam essa desumanização e objetificação de que trata Mbembe, sendo essa invisibilidade também mecanismo de exclusão, conforme já visto. Desse modo, a partir dos conceitos de biopolítica e dos racismos apresentados, tratarei, então, dos tensionamentos dos discursos a respeito dos cabelos curtos e das mulheres carecas pensando na tecnologia de controle dos corpos, que opera na construção da subjetivação das mulheres e, ainda, atravessa os cabelos.

Nos dias atuais, sobretudo nas redes sociais, discursos que relacionam os cabelos com a subjetivação das mulheres são comuns – mais ou menos empoderadas conforme o corte e o comprimento dos fios. Não à toa, nos comentários analisados nesta pesquisa, retirados das publicações feitas pela *Blogueira de Baixa Renda* sobre o seu cabelo curto no *Youtube* e no *Instagram*, muitas mulheres elogiam a blogueira com enunciados de empoderamento associados à personalidade e ao bem-estar de Nathaly – de acordo com muitos comentários observados, após cortar os cabelos, a blogueira parece ter se “libertado” e “se encontrado”. Além dos elogios, também é possível observar a manutenção da normalidade em alguns dos comentários, em que a sexualidade da influenciadora parece ser questionada por conta do corte dos cabelos, além de críticas ancoradas em enunciados patriarcais e machistas como “o que seu marido achou disso?” ou “qual a reação do marido após o corte?”.

Nesse sentido, há uma agonística entre poder e resistência (BUTTURI JUNIOR, 2020, p. 02) no dispositivo capilar que, por meio da polivalência tática dos discursos, produz jogos de verdade sobre os cabelos, em que: “Os corpos [...] estão submetidos a uma rede complexa de poderes, sobre os quais se produzem e contra os quais resistem” (BUTTURI JUNIOR, 2020, p. 14). Desse modo, como já dito, há tensionamentos nos discursos sobre os cabelos curtos e as mulheres carecas que ao mesmo tempo em que solicitam novas formas de subjetivação, a partir de enunciados de empoderamento e de libertação, também mantém certas normalidades, ao recuperar enunciados de beleza e de feminilidade em contraposição à sexualidade e à aceitação masculina.



### 3 OS DISCURSOS FEMINISTAS E SEUS ATRAVESSAMENTOS NO CORPO E NO CABELO

Neste capítulo, tratarei dos discursos a respeito do gênero e suas relações com o corpo e o cabelo. Nesse sentido, pensando no dito e no não dito:

Os corpos, através das vozes, dos gestos, dos sons e até dos cheiros foram a mediação primordial dos conhecimentos que, existindo na sua dimensão representativa, imaginativa e mental, não deixam de estar ancorados e em confronto com cada uma das terras, das sociabilidades, das estórias e histórias particulares e comuns. Dos corpos e das palavras, das múltiplas linguagens e línguas que usamos para nos comunicarmos, emergem tanto pensamentos ordenados pela disciplina do encadeamento da recitação sincrônica como pedaços suspeitos de incoerência. Emerge ainda o pronunciamento do que ainda não é totalmente pronunciável, porque dói, porque rasga memórias que se querem apaziguadas, ou simplesmente, porque não se encontraram as palavras que querem dizer aquilo que se quer dizer. (CUNHA, 2014, p. 110)

Assim, para tratar das relações entre os discursos e as práticas que envolvem os cabelos, apresento aqui um pequeno recorte histórico a respeito dos movimentos feministas, para refletir sobre os discursos de liberdade, de coragem, de empoderamento e de resistência que aparecem nesses movimentos, suscitados pelas práticas de recusa dos padrões, além de problematizar as concepções de feminilidade – também atrelada ao cabelo comprido – e de beleza vinculada à estética, numa manutenção de normalidades.

Para situar o percurso, alguns esclarecimentos necessários: 1) na tentativa de não homogeneizar, tratarei dos feminismos no plural, por entender que há várias perspectivas dentro dos movimentos feministas; 2) abordarei, também, as mulheres no plural, entendendo que entre nós há particularidades e diferenças, o que impossibilita considerar como uma categoria única, mas sim, pensando a partir do atravessamento de opressões, tal como defende Creenshaw (2002); 3) centrarei as descrições nas três ditas ondas dos feminismos para refletir a respeito das reivindicações das feministas brancas e das feministas negras nesses períodos, ressaltando, aqui, o fato de as negras já denunciarem, muito antes da dita primeira onda, as desigualdades que sofriam (e sofrem!).

Diante do exposto, começo ressaltando o fato de as negras, muito antes do século XX e dos movimentos feministas, já lutarem pela sua condição de sujeitas, visto que as pessoas negras são historicamente animalizadas. Para exemplificar tais denúncias, cito um trecho do

famoso discurso de Sojourner Truth, na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, em 1851:

[...] Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também agüentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH *apud* RIBEIRO, 2018, p. 100)

Desse modo, mesmo as negras já tendo entendido muito antes do início dos movimentos feministas que precisavam lutar pelos seus direitos e por suas existências, anos mais tarde, na dita primeira onda dos feminismos, as suas questões não faziam parte dos debates dentro desses movimentos, pois as mulheres brancas, escolarizadas e classe média passam a reivindicar a liberdade de seus corpos, o direito ao voto e as opressões sofridas por elas numa sociedade patriarcal (eram donas de casa, muitas vezes impedidas de trabalhar).

Assim, as brancas não tinham interesse nos problemas enfrentados pelas negras. Não à toa, nesse período, Virginia Woolf defende a liberdade de escrita das mulheres afirmando que, para escrever, elas precisam de uma estabilidade financeira, além de um lugar seguro e tranquilo para escrita, totalmente fora da realidade das mulheres que não eram ricas e escolarizadas – crítica feita por Alice Walker ao citar a poeta Phillis Wheatley:

Virgínia Woolf continua – não falando, obviamente, de nossa Phillis – que "qualquer mulher nascida com um grande dom no século XVI [insira "século XVIII", insira "mulher negra", insira "nascida ou feita escrava"] certamente teria ficado louca, atirado em si mesma ou terminado seus dias em uma cabana isolada de um vilarejo, metade bruxa, metade feiticeira [insira "Santa"], temida e zombada. Pois não é necessário muita habilidade ou psicologia para se ter certeza que uma menina altamente talentosa que tivesse tentado usar seu dom para a poesia teria sido tão frustrada e prejudicada por seus instintos contrários [adicione "correntes, armas, a chibata, a posse de outra pessoa sobre seu corpo, submissão a uma religião estranha"], que ela seguramente perderia sua saúde e sanidade. (WALKER, 1983, p. 3)

Adiante, na dita segunda onda dos feminismos, a liberdade dos corpos segue sendo pauta, incluindo as reivindicações de acesso à contracepção. É nesse período, também, que as mulheres passam a questionar os padrões de feminilidade socialmente destinados às mulheres – delicadeza, magreza, fragilidade, dentre outros –, os quais serão problematizados mais para frente. Ainda, a diferença de classes passa a fazer parte da luta, inicialmente das feministas lésbicas, pois:

Elas formavam um grupo de mulheres que não imaginavam poder depender do sustento de um marido. E muitas vezes estavam muito mais conscientes as dificuldades que todas as mulheres enfrentariam no mercado de trabalho do que suas companheiras heterossexuais. (hooks, 2019, p. 68)

Todavia, quando as trabalhadoras se unem aos movimentos feministas, aparece a necessidade de pensar as opressões de forma interseccional (embora ainda não usassem esse termo), pois as mulheres privilegiadas começaram a ascender profissionalmente enquanto as demais (negras, latinas, periféricas, trabalhadoras) permaneciam recebendo baixos salários e também realizando as atividades subalternizadas que as brancas não queriam fazer. Não à toa, essas mulheres que estavam fora dos privilégios perceberam logo que o trabalho não as libertaria das opressões (hooks, 2019).

Ainda nesse período, as feministas negras começam a denunciar as invisibilidades e os silenciamentos sofridos pelas negras nos movimentos feministas. Assim, enquanto a frase de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se” marcava os movimentos feministas, as negras traziam para o debate uma perspectiva mais próxima do que defendia Lélia Gonzalez<sup>2</sup> de “tornar-se negra”, a qual:

[...] reside na recusa de se deixar definir pelo olhar do outro e no rompimento com o embranquecimento; significa a autodefinição, a valorização e a recuperação da história e do legado cultural negro, traduzindo um posicionamento político de estar no mundo para exercer o papel de protagonista de um devir histórico comprometido com o enfrentamento do racismo. (CARDOSO, 2014, p. 973)

Não é coincidência, pois, que, nessa época, os movimentos de ressignificação negra se popularizaram, como os movimentos *Black Power* e *Black is Beautiful*, nos Estados Unidos, que também influenciaram as discussões de ativistas brasileiros/as, incluindo as feministas negras. Nesses movimentos, uma cisão biopolítica aparece: a negação dos padrões brancos a respeito dos corpos, dos cabelos, da estética, assim como o resgate das tradições negras, da estética afrodiáspórica, além da luta pela existência das pessoas negras, historicamente negligenciadas e mortas pelas tecnologias do Estado (em operações policiais, por exemplo).

Indo adiante, a dita terceira onda dos feminismos centra o debate na concepção de feminilidade atrelada aos discursos de natureza, a partir dos binarismos natureza/cultura e sexo/gênero, em que a dominação masculina promove a submissão e a objetificação das mulheres. A respeito das discussões sobre gênero, muitas feministas tratavam o gênero em

---

<sup>2</sup> Lélia Gonzalez propõe, no Brasil, “amefricanizar o feminismo” (GONZALEZ, 1984): considerar as negras, as latinas, as periféricas, as lésbicas, ou seja, todas aquelas postas à margem pelo movimento feminista hegemônico. No entanto, considero que suas perspectivas dialogam com as feministas negras de outros locais, como Angela Davis, importante ativista americana.

oposição ao sexo. Por conta disso, autoras contemporâneas procuram desconstruir essa separação, como Nicholson, por exemplo, que defende: “[...] formas culturalmente variadas de entender o corpo” (NICHOLSON, 2000, p. 14).

Assim, essa urgência em considerar as multiplicidades das mulheres e dos corpos intensifica as discussões sobre raça e classe. Dessa forma, a concepção interseccional de Creenshaw passa a fazer parte dos debates feministas, pois ela nos indica considerar o atravessamento das opressões, entendendo a urgência de não hierarquizá-las. Segundo a autora, a interseccionalidade diz respeito à “[...] forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras [...]” (CREENSHAW, 2002, p. 177).

Abro aqui um parêntese para mencionar Foucault e suas possíveis aproximações com as concepções de gênero. Embora o autor não tenha discutido gênero ao tratar das tecnologias sexuais, é relevante pontuar a importância de seus estudos para pensar nessa categoria, pois, assim como defende De Lauretis: “[...] o gênero não é uma propriedade de corpo nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, ‘o conjunto de feitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais’, por meio de ‘uma complexa tecnologia política’.” (DE LAURETIS, 1994, p. 208).

Fecho parêntese e encerro esse breve recorte histórico para pensar a respeito da concepção de feminilidade, atrelada também ao cabelo. Embora, como já visto, as mulheres debatesses desde a segunda dita onda dos feminismos sobre os discursos de feminilidade – culturalmente relacionado à delicadeza e à docilidade das mulheres, influenciando, inclusive, no uso de cabelos mais ou menos compridos –, parece que, também nos dias de hoje, esses discursos ainda aparecem. Não à toa, com frequência, sobretudo nas redes sociais, mulheres precisam justificar a opção por cabelos curtos, pela careca, ou até mesmo outras escolhas que envolvem seus corpos.

Nessa esteira, também não são raros relatos de mulheres (inclusive nos comentários que farão parte deste estudo) que afirmam ter dificuldades para cortar os cabelos curtos e, quando cortam, são chamadas de corajosas, pois o imaginário a respeito da feminilidade ainda faz parte do que se entende socialmente por bonito ou feio, sendo este último voltado ao cabelo curto e, sobretudo, crespo.

Além disso, cabe salientar que essa construção de feminilidade é destinada às mulheres brancas, pois as negras são historicamente animalizadas e seus corpos são objetificados pela perspectiva colonizadora: “O corpo negro foi marginalizado e suas características tidas como contrárias aos ideais de beleza, saúde, higiene e modernidade” (SANTOS, A.; SANTOS, M., 2016, p. 2). Nesse sentido, às negras são destinados discursos de coragem e de força, que em nada se aproximam da delicadeza referida às brancas.

Dessa forma, como venho afirmando, a imposição do padrão de cabelo também produz uma regulação dos corpos, a partir de estratégias de exclusão. Assim sendo, no próximo capítulo, apresentarei um recorte histórico a respeito dos cabelos, numa tentativa de evidenciar as regularidades dos cabelos curtos e a ausência das mulheres carecas nesse recorte, pelo apagamento dessas mulheres dos discursos históricos.



#### 4 DISCURSOS LINEARES SOBRE OS CABELOS CURTOS

Considerando a popularização dos discursos de acordo com certas urgências históricas e culturais, apresentarei um recorte breve a respeito da história ocidental dos cabelos curtos entre os séculos XX e XXI, entendendo que, nessa linearidade, muitas práticas não aparecem, por conta das estratégias de exclusão, conforme já descrevia Foucault (2005). Nesse sentido, também é importante ressaltar que esses discursos se referem, sobretudo, às mulheres brancas, de classe média, ainda nesse apagamento de alguns discursos como garantia da norma gendrada e racializada, como já apontei em trabalho anterior (MONTEIRO, 2020).

Assim, no início do século XX, o valor das mulheres era medido pelo comprimento dos cabelos: quanto maior o comprimento dos fios, mais sexualizadas as mulheres (ricas) eram, pois as pobres cortavam os cabelos por dinheiro ou por questões higiênicas. Já na década de 1920, as mulheres brancas passam a trabalhar nas fábricas e, com isso, a cortar os cabelos na altura da nuca, numa recusa da feminilidade, no estilo Coco Chanel e Josephine Baker – artista internacional, bissexual, ativista e apoiadora do Movimento Norte-Americano dos Direitos Civis.

**Imagem 1** – Josephine Baker



**Fonte:** Valente (2019)

Adiante, entre os anos 1930 e 1940, os cabelos ondulados e simetricamente alinhados popularizaram-se. Tal estilo, conhecido como *Finger Waves*, buscava elegância feminina e incentivava o uso de cabelos mais compridos, assim, valorizando, novamente, a feminilidade recusada pelas mulheres nos anos 1920. Dentre as personalidades, destacarei as atrizes de

Hollywood Vivien Leigh e Veronica Lake. Esta última influenciou tantas mulheres com os seus cabelos compridos e sua mecha caída no olho esquerdo que precisou fazer uma campanha a respeito do uso de cabelos compridos nas fábricas, por causarem graves acidentes, incentivando as trabalhadoras a utilizar os cabelos presos (sem efeito). Após tal campanha, a atriz começou a utilizar os cabelos presos para convencer as mulheres operárias, o que acabou causando um declínio em sua carreira, principalmente quando ela decide cortar os fios para mobilizar as trabalhadoras.

Sob esse aspecto, a relação dos cabelos com a carreira de sucesso é um ponto interessante a partir do que venho debatendo nesta pesquisa, pois evidencia o modo como as práticas capilares atuam na produção da subjetivação dos/as/ sujeito/as, já que outras atrizes, como Mary Pickford – seus cabelos longos e ondulados construía a imagem infantilizada e delicada que lhe oferecia papéis de “mocinhas” nos filmes –, também tiveram prejuízos em suas carreiras após o corte dos cabelos.

**Imagem 2** – Veronica Lake e os seus famosos cabelos cacheados



**Fonte:** Nunes (2021)

Se, então, o corte dos cabelos prejudicou algumas personalidades, o contrário também aconteceu, com Marilyn Monroe, por exemplo, que passou a fazer sucesso ao pintar os cabelos de loiro platinado e se tornar ícone de sensualidade. Além dos fios loiros, ela também passou a cortar os cabelos curtos – por conta do excesso de descolorações e de alisamentos (VIEGA, 2012). Desse modo, nas décadas de 1950 e 1960, o estilo curto se populariza novamente, com a adesão de celebridades como Marilyn Monroe, Twiggy, além de Dorothy Dandridge e Eartha Kitt.

Nas décadas seguintes, 1970 e 1980, os movimentos de reinvenção da cultura negra marcaram as práticas de libertação, inclusive dos cabelos, que se popularizam mais volumosos e naturais. Assim, nesse período, observamos variados cortes e tipos de cabelos, incluindo os curtos, sobretudo sem laquê e recursos para alinhar os fios, visto que o propósito era naturalizá-los. Dessa forma, por meio dos movimentos de ressignificação negra e luta por direitos civis nos Estados Unidos, como o movimento *Black Power* e o “*Black is Beautiful*” – que, dentre várias reivindicações, defendiam o uso dos cabelos afros naturais e a valorização do corpo e das características negras –, é possível identificar o modo como o cabelo crespo fez (e faz) parte da construção da negritude e das lutas políticas que historicamente envolveram e envolvem as pessoas negras.

**Imagem 3** – As mulheres nos movimentos negros que também defendiam os cabelos naturais



**Fonte:** Honorato (2017)

Antes de prosseguir, é relevante mencionar a circularidade nas práticas capilares, que parecem atender a certas urgências: ora curtas, ora compridas, lisas ou cacheadas, mas, ainda assim, marcadamente racializadas, já que encontramos mais facilmente os discursos históricos a respeito dos cabelos de pessoas brancas. Desse modo, nesse recorte histórico que trago, em diversos momentos, os cabelos mais curtos ou mais longos popularizam-se, pautados nos interesses de afastamento ou de aproximação do imaginário de feminilidade, evidenciando tal circularidade e, arrisco dizer, certa norma.

Dando sequência a esse breve recorte proposto, da década de 1990 em diante, uma variedade de estilos popularizou-se, incluindo os cabelos curtos. No entanto, por conta do aumento de químicas alisantes, no início do século XXI, os lisos voltaram a ser mais comuns, mesmo entre os curtos. Embora os cabelos curtos estivessem em alta nessa época, por meio de discursos de liberdade dos fios, as carecas não são mencionadas nesse contexto de “variedade”, deixando claro que, ainda assim, há tipos de cortes mais ou menos aceitos.

**Imagem 4** – Cabelos curtos populares nos anos de 1990 e início dos anos de 2000



**Fonte:** Pacelli (2018)

Nos últimos anos, com a popularização dos discursos de liberdade e de empoderamento, houve também um aumento de mulheres carecas. No último Oscar, uma polêmica em torno dos cabelos pode ser observada: Chris Rock fez piadas com a Jaden Smith por estar careca e foi agredido pelo marido da atriz, Will Smith. Tal atitude teve uma repercussão enorme e poderia ser analisada por diversos pontos: 1) Jaden sofre de alopecia – doença autoimune que causa a perda dos fios –; 2) Will havia recebido o seu primeiro Oscar e acabou sendo banido por dez anos da cerimônia de premiação; 3) Will foi acusado de ter tido uma atitude machista ao defender a esposa; 4) dois homens negros brigando em uma cerimônia de premiação de Oscar – culturalmente dedicada à branquitude e, inclusive, boicotada por muitas pessoas artistas negras – parece lembrar a todas as pessoas negras que o enquadramento social (BUTLER, 2015) nos coloca no lugar de animalização para entretenimento branco muito rapidamente.

**Imagem 5** – Jaden Smith após aderir à careca



**Fonte:** García (2022)

A respeito da discriminação sofrida por Jaden, é importante destacar o comentário de Chris Rock durante a cerimônia de premiação do Oscar: que ela poderia fazer o novo *G.I. Jane* – famoso filme dos anos de 1990 que, justamente, ressalta a masculinização das

mulheres por meio da careca. Assim, a tentativa de “humor” de Chris a respeito da ausência de fios da atriz promove o enquadramento gendrado dos cabelos curtos como correspondente à masculinização, debatido ao longo desta pesquisa.

Ainda, gostaria de ressaltar a associação frequentemente feita de que os cabelos afros não crescem e, por isso, são sempre curtos, atribuindo a eles mais esse aspecto considerado negativo. Devido à estrutura em espiral dos cabelos cacheados e, principalmente, crespos, estes costumam, quando secos, ficarem mais curtos do que de fato são, sendo essa variação chamada de fator encolhimento. Este incomoda muitas mulheres, causando implicações que vão desde a decisão de alisar os fios até a relutância em cortar os cabelos, já que há, culturalmente, discriminações envolvendo os fios curtos, relacionados às características masculinas. Por isso, logo na infância, as meninas são bombardeadas com histórias de contos de fadas e bonecas que também promovem discursos a respeito dos cabelos belos/longos/macios e o corte dos fios nesses imaginários aparece como punição, como é o caso da história de Rapunzel, princesa de longos cabelos mágicos.

Assim sendo, encerro esse breve recorte histórico enfatizando que os discursos a respeito dos cabelos nos séculos XX e XXI praticamente não mencionam as mulheres carecas, o que nos possibilita refletir a respeito da manutenção das opressões a partir de tecnologias excludentes que invisibilizam práticas que “fogem da norma”.



## 5 PARA ONDE E POR ONDE VAMOS

Esta pesquisa parte de uma inquietação pessoal da cena em *Hair Love* na qual Angela, a mãe de Zuri, parece incomodar-se com a perda de seus fios após problemas de saúde. Se pensarmos, pois, sobre o aumento expressivo de influenciadoras que apresentam conteúdos para cabelos, sobretudo afros<sup>3</sup>, em que os discursos de empoderamento e de autoaceitação são centrais, como uma blogueira de cabelos, Angela, ambigualmente, busca esconder sua careca. Talvez não tenha sido sua decisão raspar os cabelos, já que ela está no hospital, tratando problemas de saúde, mas o ponto que me interessa é o fato dessa perda do cabelo exigir de Angela uma desconstrução dos padrões de cabelo comprido como sinônimo de beleza mesmo entre as blogueiras que defendem a busca por amor-próprio por meio do cabelo.

Assim, a partir de *Hair Love*, observei, nas redes sociais, os discursos em torno dos cabelos curtos, percebendo o que de libertador e de empoderador havia nesses discursos e, ao mesmo tempo, os enunciados de coragem e de normatividade que também emergem, num jogo ambivalente de controle dos corpos. Coincidentemente, Nathaly Dias, blogueira que eu sigo desde 2019, cortou o cabelo no início de 2021 e, meses após o corte, precisou fazer uma publicação sobre o seu cabelo, já que ele ainda gerava “polêmica” entre alguns seguidores (ou *hatters*), que consideravam seu corte “masculinizado”.

Isto posto, partirei para o alcance das publicações feitas pela influenciadora, numa explosão discursiva. Ao todo, o canal da *Blogueira de Baixa Renda* conta com 277 mil inscritos no *Youtube*<sup>4</sup>. Devido aos números expressivos, no que se refere às publicações escolhidas para este estudo, o vídeo em que Nathaly Dias mostra o novo corte de cabelo teve 3.515 comentários, 21 mil curtidas e 119 mil visualizações, tendo sido publicado em 05 de janeiro de 2021.

---

<sup>3</sup> Considero aqui cabelo afro como as diferentes possibilidades de curvaturas e cabelos das pessoas negras ou afrodescendentes, a partir de Matos (2016).

<sup>4</sup> Entendendo que os conteúdos publicados nas redes sociais estão em constante deslocamento, todos os números a respeito do alcance das publicações da *Blogueira de Baixa Renda* foram considerados até 20 de abril de 2021, levando em conta sua explosão discursiva.

**Imagem 6** - Foto inicial do vídeo Mudança radical no cabelo, GOSTASTES?



**Fonte:** Publicação do *Youtube* (2021)

No *Instagram*, a *Blogueira de Baixa Renda* tem 201 mil seguidores e a sua publicação *Cabelo curto não é coisa de homem* foi curtida por 18.934 pessoas, com 714 comentários no total. Publicada em 15 de abril de 2021, a blogueira, depois de receber comentários sobre o seu corte fazê-la “parecer um homem” e de ter sido repostada pela página *Comunicação Muito Violenta*<sup>5</sup> ao responder comentários negativos de pessoas que criticavam seu cabelo, escreveu a seguinte legenda para as fotos da publicação que norteará este estudo:

Questionar corte de cabelo alheio é tão ultrapassado. A partir de agora só aceito comunicação muito violenta pra esse tipo de “comentário”   
 MULHERES INCRÍVEIS COM SEUS CABELOS PERFEITOS PRA VOCÊ SE INSPIRAR E EMPODERAR👑👑👑. (DIAS, 2021)

**Imagem 7** – Publicação *Cabelo curto não é coisa de homem*



**Fonte:** Publicação do *Instagram* (2021)

<sup>5</sup> A publicação feita na página *Comunicação Muito Violenta* tinha o objetivo de chamar a atenção para o modo como as pessoas criticam as práticas corporais alheias com discursos heteronormativos. Nesse viés, a “comunicação muito violenta” também pode ser lida na senda dos discursos de liberdade e das práticas de resistências.

Assim, nessa publicação, ela traz algumas influenciadoras e personalidades que usam cabelos curtos: Passa, Carla Lemos, Luci Gonçalves, Gabi Vasconcellos, Agatha Moreira, Demi Lovato, Preta Araújo e Tita Tuif. Além dessas, nos comentários, muitas outras mulheres, principalmente de cabelos curtos, foram mencionadas. Aqui, uma problematização: poucas carecas foram citadas, como a influenciadora Sá Ollebar, por exemplo, e nenhuma delas estava na publicação de Nathaly, evidenciando que a adesão às carecas parece não estar tão popularizada nesses discursos de liberdade e de empoderamento quanto os cabelos curtos.

**Imagem 8** – Influenciadoras e personalidades mencionadas por Nathaly Dias em sua publicação



Fonte: Publicação do *Instagram* (2021)

Por conta do número expressivo de comentários nas publicações selecionadas, no *Youtube*, foram observados, inicialmente, 200 comentários postados no vídeo do corte de cabelo da Nathaly. Para a escolha do *corpus*, foram utilizados os recursos de filtragem do *Youtube*, em que são disponibilizados dois filtros de exibição dos comentários publicados: *principais comentários* e *mais recentes primeiro*. A respeito dos *principais comentários*, estes aparecem conforme a quantidade de curtidas e interações geradas. Por conta disso, analisei nesse filtro quais comentários tinham mais curtidas, totalizando 100 comentários observados. No caso do filtro *mais recentes primeiro*, este apresenta os comentários de acordo com a data postada; então, nessa opção, verifiquei também um total de 100 postagens, exibidas a partir do comentário mais recente publicado no vídeo, independentemente do número de curtidas.

Em relação ao *Instagram*, os comentários nessa rede social aparecem de acordo com a data de postagem, aparecendo primeiro os comentários mais recentes e aqueles fixados por Nathaly. Assim, na publicação feita pela blogueira no dia 15 de abril, também foram observados 200 comentários, seguindo a ordem com que apareciam na publicação selecionada. É importante destacar que, do número total de comentários analisados no *Instagram*, a maioria deles não teve uma quantidade expressiva de curtidas, inclusive, muitos deles não tiveram curtidas, mas, ainda assim, me possibilitaram observar o jogo ambivalente dos discursos sobre os cabelos curtos ou a ausência de cabelos em pessoas que se identificam como mulheres.

Desse modo, para este estudo, considerando a importância de um recorte do *corpus* devido ao número de comentários em cada uma das publicações, foram selecionados e analisados 35 comentários postados no vídeo da Nathaly no *Youtube* e na publicação no *Instagram*, a fim de observar as regularidades discursivas no dispositivo capilar, na ambivalência de que venho tratando, além das possibilidades de subjetivação que podem surgir a partir dessas práticas de cortar ou raspar os cabelos realizadas pelas pessoas que se identificam como mulheres. Tais comentários serão apresentados na próxima seção, divididos pelas centralidades dos discursos evidenciadas.

## 6 “CORTAR O CABELO FOI LIBERTADOR” – UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS VIRTUAIS

Início esta etapa da discussão pensando no corpo num vértice com o gênero e a raça, no qual há uma produção de normalidades raciais-capilares-corporais-generificadas que definem o comprimento dos fios, as vestimentas, o tipo de corpo, o modo de se comportar, as escolhas sexuais, dentre outros aspectos. Em vista disso, interessa-me olhar para as margens, considerando uma coexistência das diferenças (NICHOLSON, 2000), em que os movimentos de recusa, em certa medida, das categorizações de feminilidade, de ser mulher e de sexualidade feminina, por exemplo, parecem reivindicar formas de subjetividade híbridas (BUTTURI JUNIOR, 2019).

Nesse sentido, embora popularizem-se discursos de libertação como forma de resistência aos padrões heterocisnormativos historicamente construídos, é pertinente pensar a respeito da relação intrínseca e agonística (em termos foucaultianos) entre poder e resistência, visto que:

É através da articulação de pontos de resistência que o poder se espalha pelo campo social. Porém, é também através da resistência que o poder é rompido. A resistência é, ao mesmo tempo, um elemento de funcionamento do poder e uma fonte de perpétua desordem. (DREYFUS; RABINOW, 1992, p.162)

Assim, no jogo ambivalente das práticas corporais e capilares, quando as mulheres buscam romper com os padrões de feminilidade cortando o cabelo, produz-se resistências, mas na medida em que essas resistências se intensificam, agregando-se aos movimentos feministas, por exemplo, é possível perceber uma normalidade nessas práticas. Exemplificarei essa discussão por meio dos discursos popularizados de que feministas são lésbicas e querem ser homens, também atrelados às mulheres que decidem cortar ou raspar os cabelos.

Desse modo, conforme já mencionado, há um jogo ambíguo nesses discursos de empoderamento e de amor-próprio: ao mesmo tempo em que produzem resistências, também acionam certos padrões. Por isso, argumento que, além dos discursos de empoderamento, há uma desconstrução constante das mulheres que decidem romper com os padrões impostos, pois, na tentativa de escapar do poder, outros micropoderes (FOUCAULT, 2007) vão emergindo. Nesse sentido,

[...] Os cabelos compridos fazem parte de um mosaico de ideias que vão criar uma imagem de mulher que agrada ao capitalismo atual: mulher que se crê independente e poderosa, pois consome tempo e dinheiro para se fortalecer enquanto mais feminina, mas, ao mesmo tempo, reforça feixes que contribuem para a sua constante submissão à imagem de si mesma, que foi imposta de fora e por padrões masculinos e do mercado. (SCIRÉ *apud* GIAMPÁ, 2016b, p. 44)

Diante do exposto, atenho-me a análise dos discursos observados no vídeo *Mudança radical no cabelo, GOSTASTES?*, iniciando pelo jogo discursivo utilizado pela *Blogueira de Baixa Renda* para “conversar” com o público. Por meio do uso da expressão “GOSTASTES” no título do vídeo, Nathaly busca aproximar-se das pessoas que a acompanham, já que a blogueira produz conteúdo sobre a realidade das pessoas de baixa renda, culturalmente postas à margem.

Desse modo, tal aproximação também perpassa pelas expressões popularizadas entre as pessoas e a influência da televisão nesse processo – na época em que o vídeo foi publicado, a novela global *Amor de Mãe* ia ao ar e sua protagonista era uma mulher nordestina e pobre, que, além do “gostastes”, frequentemente utilizava expressões semelhantes a essa empregada pela *Blogueira de Baixa Renda*, que, formalmente, poderia ser classificada na 2ª pessoa do plural (por se referir ao pronome vós) do pretérito perfeito, mas que, nesse caso, desloca seus sentidos por meio de uma variação regional. Assim, durante a exibição da novela, não só Nathaly como outras influenciadoras passaram a utilizar expressões que remetiam às frases da protagonista de *Amor de Mãe*, Lurdes, popularizando, principalmente na internet, tais termos e favorecendo a comunicação com as pessoas seguidoras.

Ainda a respeito dessa aproximação, outro ponto a destacar é o fato da *Blogueira de Baixa Renda* assumidamente assistir às novelas da Rede Globo – evidenciando certa afinidade com o público que a acompanha, já que é comum as pessoas mais pobres assistirem a programação e, sobretudo, as novelas da emissora. Inclusive, nos últimos anos, principalmente por conta dos contextos políticos e da influência da Rede Globo, estabeleceu-se uma desvalorização dos conteúdos exibidos pela emissora e, junto, discursos de desconhecimento, de inferioridade e de alienação voltados para as pessoas que assistem aos programas desse canal. Como já dito, não coincidentemente, a maioria da audiência dos conteúdos da Globo são justamente as pessoas de baixa renda, historicamente associadas à inferioridade e à alienação. Então, esses aspectos também favorecem o contato da blogueira com as pessoas seguidoras pelo fato delas, mesmo que indiretamente, buscarem influenciadores/as com os/as quais se identifiquem (“gente como a gente”).

Avançando nas reflexões sobre o título do vídeo, também é importante enfatizar o uso de maiúsculas para destacar a palavra “GOSTASTES”, num processo mesmo de chamar atenção para o que está sendo “dito”, assim como o emprego do ponto de interrogação ao final do título, numa busca por um possível diálogo com as pessoas que assistirem ao vídeo, em especial, aquelas que já a acompanham (pensando naquela aproximação mencionada). No entanto, esse diálogo deixa em aberto a imprevisibilidade das respostas nos comentários, que se estende, inclusive, para outras publicações da blogueira e que resulta na publicação da Nathaly no *Instagram* *Cabelo curto não é coisa de homem* (também analisada nesta pesquisa).

Ainda a respeito do uso de maiúsculas, aqui, abordarei, mesmo que rapidamente, o uso de emojis nos comentários observados, para pensar na materialidade discursiva digital. Bastante recorrentes nas redes sociais, os emojis operam na construção do sentido dos discursos produzidos na internet e, nos comentários, atuam nos (possíveis) entendimentos do que se pretende enunciar (mais positivo ou negativo, conforme as representações gráficas utilizadas). Assim, nos comentários observados, tanto na publicação do *Youtube* quanto na do *Instagram*, os emojis podem criar efeitos de sentido, como contribuir para o estabelecimento de uma rede de apoio, em que os corações e os rostos felizes, por exemplo, aparecem como um incentivo à blogueira e também respondem, indiretamente, à pergunta do vídeo no *Youtube* “GOSTASTES?”, numa produção de discursos que, nessa construção de subjetivação, passa pela corpografia, definida como: “[...] textualização do corpo na letra, na tela, pelo afeto, produzindo uma escrita (e um corpo) afetada pelo digital. [...] A escrita como significante do afeto. Escrever no *online* seria um gesto que *escreve* o corpo” (DIAS, 2016, p. 12-13).

Dessa forma, como já dito, os emojis, assim como o uso de letras maiúsculas, fazem parte da materialidade discursiva digital, atuando na produção de sentido dos discursos nas redes sociais analisadas nesta pesquisa. Sob esse aspecto, ao tratar da materialidade digital, Dias (2016) ainda acrescenta (a partir de Orlandi e Paveau) que:

[...] a *inscrição* do corpo na forma material do dizer dessas redes sociais se dá por meio de projeções de ícones, imagens, gifs, letras, links, hashtags, que constituem a “unidade de sentido” (Orlandi, 2001, p. 73) num “compósito heterogêneo”, como define Paveau (2015), produzindo uma estrutura digital do sentido, por meio de uma digitalidade: aquilo que faz circular os conhecimentos armazenados na memória metálica. A digitalidade diz respeito, portanto, à circulação em diferentes formatos e dispositivos daquilo que está em estado digital. (DIAS, 2016, p.13-14)

Partirei, então, para a análise de alguns aspectos observados na fala da *Blogueira de Baixa Renda* ao longo do vídeo. O primeiro deles refere-se ao cabelo longo tido socialmente

como padrão e os efeitos disso na construção da subjetividade das mulheres: Nathaly conta que sempre “teve cabelos muito iguais” (no caso, compridos), por isso, ela afirma não se sentir “pertencente a aquele cabelo”, “que não combinava com a sua personalidade”, numa relação de subjetividade e corporalidade.

Nesse discurso sobre cabelos “iguais” a blogueira parece associar os cabelos longos com o padrão de cabelos socialmente aceitos e, por essa perspectiva, o curto torna-se o diferente, reproduzindo, desse modo, um discurso sobre a normalidade para as mulheres em sua fala. Como venho debatendo, os curtos, nas mulheres, passaram a fazer parte das características físicas e estéticas historicamente rejeitadas, assim como os corpos gordos, as peles negras e os cabelos afros, por exemplo. Por esse viés, materializa-se a relação entre os cabelos curtos e os afros, através da negação do fator encolhimento e da tecnologia colonial de associar as pessoas negras a tudo o que é negativo, tal como discute Gilroy: “[...] a proximidade dos terrores inefáveis da escravidão foi mantida viva – cuidadosamente cultivada – em formas ritualizadas, sociais” (GILROY, 2012, p. 158).

Não obstante certa assunção do discurso normal, ambigualmente, no vértice entre corpo e linguagem, Nathaly, em seu discurso, também crítica os padrões de beleza em que as mulheres devem ter cabelos longos ou, se curtos, devem ser pouco volumosos e lisos. Essa última consideração da blogueira pode ser problematizada pelo fato de os cabelos curtos afro também serem renegados, já que a influenciadora chama atenção para os cabelos curtos cacheados, em que ela diz perceber uma ausência de visibilidade desses tipos de cortes durante um longo período de sua vida. Sobre esse aspecto, Ana Paula dos Santos argumenta que os traços negros são historicamente postos no lugar da negatividade e da discriminação. Segundo ela:

Beleza e feiura relacionadas à raça foram naturalizadas socialmente e também pela ciência. Os não-brancos, além de serem estereotipados como corpos não válidos moralmente para a construção da nação, também eram vistos como indesejados no que dizia respeito aos padrões de beleza. (SANTOS, 2017, p. 64)

Esclarecimentos feitos, passarei para a análise dos comentários observados no vídeo no *Youtube* e na publicação no *Instagram* da *Blogueira de Baixa Renda*, pensando na centralidade de alguns discursos no interior das práticas capilares aqui debatidas.

## 6.1 OS DISCURSOS DE LIBERDADE E SUAS AMBIGUIDADES

Parto, então, para a análise dos comentários retirados do vídeo da *Blogueira de Baixa Renda* no *Youtube*, enfatizando que serão apresentados alguns dos comentários selecionados, considerando as regularidades discursivas observadas nessas postagens e suas possíveis relações com o número de curtidas. Logo, o critério de análise desses comentários, como já afirmei, pautou-se na verificação daqueles que tinham mais curtidas e seus conteúdos. Além do *Youtube*, também apresentarei os comentários presentes na publicação *Cabelo curto não é coisa de homem* no *Instagram*, considerando os discursos de liberdade, de empoderamento e de normalidade que aparecem nessas postagens, sem levar em conta a quantidade de curtidas.

Ademais, é válido enfatizar uma distinção entre os comentários observados no *Youtube* e no *Instagram*: na plataforma de vídeos, os elogios aos cabelos da Nathaly são mais centrais nas interações, possivelmente por conta do título do vídeo sugerir a opinião de quem assiste (*Mudança radical no cabelo, GOSTASTES?*); já no *Instagram* verifica-se um número mais expressivo de relatos, uma vez que a publicação da blogueira solicita que as experiências sejam compartilhadas (*Alguém já questionou ou criticou o seu corte de cabelo? Conta pra mim aqui embaixo!*).

Antes de iniciar a análise dos comentários, gostaria de ressaltar os constantes atravessamentos de diferentes estratégias de exclusão nas narrativas observadas; por isso, optei por dividir, nas seções, os comentários pela proximidade dos relatos. Então, enfatizo que, em alguns momentos, haverá, num mesmo comentário, vários aspectos que já foram analisados em outra seção e que serão apenas retomados, evitando, assim, repetir o mesmo comentário em lugares distintos.

Pensando na regularidade dos discursos que venho tratando, foi possível observar a centralidade dos discursos de liberdade e de empoderamento, como poderá ser notado nos comentários<sup>6</sup> do *Youtube* a seguir:

**Comentário 1:** “Adorei... muito mais poderosa” (361 curtidas).

**Comentário 2:** “Não entendo esse apego louco com cabelo” (288 curtidas).

**Comentário 3:** “Vamos normalizar o corte de cabelo, se o homem deixa crescer é estiloso, se a mulher corta curto " nossaaa! Ta doida?" Tava lindo antes, ta lindo

---

<sup>6</sup> Optei por preservar as identidades das pessoas que comentaram nas publicações da *Blogueira de Baixa Renda*, por isso, seguirei uma sequência numérica ao apresentar os comentários selecionados.

agora! Importante que ta feliz!! Ps: mas que ta um luxooo, vc ta sim hiper estilosa com esse visual! AMEEEEIII BLÔ! Me inspirou!😍😍😍” (241 curtidas).

**Comentário 4:** “Cortar o cabelo é libertador, ainda mais quando ninguém quer que você corte” (159 curtidas).

**Comentário 5:** “Cortar cabelo é libertador, cortar cabelo curtíssimo é libertador ao quadrado!!amei ❤️🌻” (103 curtidas).

**Comentário 6:** “Eu não sei se tem alguma regra (tem regra pra tudo), mas pra mim cabelo curtinho passa uma ideia de poder absoluta. Tá lindíssima!” (33 curtidas).

Destacarei, então, alguns enunciados relevantes nesses comentários: apenas um deles não menciona diretamente discursos de liberdade (Comentário 2), no entanto, como já debatido no capítulo sobre feminismos, o “apego louco” pelos cabelos é resultado de uma construção social que vem definindo há muito tempo os cabelos e os corpos das mulheres, por meio de padrões de feminilidade, por exemplo. Então, ainda que não aborde os discursos de liberdade, questionar o apego pelos cabelos poderia relacionar-se à recusa dos padrões vigentes.

Em relação aos demais comentários, nestes é possível verificar, pelo número de curtidas, a popularização dos discursos de liberdade e de empoderamento, em sua polivalência tática (FOUCAULT, 2017): ao recusar os padrões de cabelos vigentes, Nathaly fica “muito mais poderosa”, “hiper estilosa”, “um luxo”, associando seu corte de cabelo a enunciados de aceitação, de boa aparência e de riqueza. Assim, é interessante observar o modo como os discursos que produzem resistências e subjetividades, ambigualmente, respondem às normalidades estéticas e, até mesmo, mercadológicas.

Ainda a respeito dos comentários apresentados, gostaria de pontuar mais alguns aspectos: no comentário 3 – “**Vamos normalizar o corte de cabelo**, se o homem deixa crescer é estiloso, se a mulher corta curto" nossaaa! Ta doida?"[...] **Importante que ta feliz!!**[...]”, é relevante salientar o discurso de felicidade associada aos cabelos, num atravessamento desse na construção da subjetivação das mulheres que decidem cortar os fios curtos ou ficarem carecas, parecendo conectar-se mais à noção de bem-estar e de autoestima do que às práticas de resistência. Por outro lado, também se sobressai, em tal comentário, um discurso de dessubjetivação: “**Vamos normalizar o corte de cabelo**”, numa defesa de padrões, ainda que diversos, de cabelos.

Indo em frente, no comentário 4 – “Cortar o cabelo é libertador, **ainda mais quando ninguém quer que você corte**” –, além dos discursos de liberdade que já venho debatendo, também aparece certo movimento de recusa dos padrões e uma prática de rebeldia, pelo fato de a pessoa afirmar que ninguém apoiava o seu corte de cabelo. Tal “afronta” às normalidades impostas é uma das estratégias de alguns movimentos de libertação e de ressignificação, como o *Black is Beautiful*, e parece, assim, popularizar-se e atualizar-se na era digital.

Em relação às normalidades debatidas neste estudo, no comentário 6 – “**Eu não sei se tem alguma regra (tem regra pra tudo)**, mas pra mim cabelo curtinho passa uma ideia de poder absoluta [...]” –, há ambiguidades em tal discurso que podem ser analisadas: ainda que a pessoa afirme desconhecer as regras em relação aos cabelos, mas, por outro lado, entender que “há regras para tudo”, é possível observar que, por exemplo, o uso de “curtinho” pode ser lido como uma hierarquização dos cabelos, na qual os curtinhos aparecem como um modo de suavizar a quebra de padrões que o cabelo curto causa (produzindo certa permissividade), ao mesmo tempo em que expõe, logo em seguida, o discurso de poder associado ao cabelo curto, num jogo ambivalente que subjetiva e dessubjetiva ao mesmo tempo.

Nesse jogo, no mesmo comentário materializa-se o processo contrário de exaltar e valorizar o novo cabelo de Nathaly, por meio do uso do termo “lindíssima”, do mesmo modo reforçando certa hierarquização de beleza a partir dos cabelos. Outro contraponto pode ser constatado no comentário 5: “Cortar cabelo é libertador, **cortar cabelo curtíssimo é libertador ao quadrado!!amei ♥🌻**” (103 curtidas), em que há o emprego do “curtíssimo” para marcar o comprimento dos fios, porém, de forma a valorizar discursivamente esse corte que é menos aceito – e o emprego de vários emojis opera no reforço dessa valoração.

Dando continuidade às discussões, com frequência observei, nos comentários, uma relação das práticas de cortar ou raspar os cabelos com enunciados de coragem, como os exemplos a seguir:

**Comentário 7:** “nath, dizem que quando a gente coloca um cabelo pra mostrar mais o nosso rosto significa que estamos mais prontos a sermos nós mesmos, assumir nossa vida, quem a gente é. É um simbolo de coragem, e vontade de se mostrar verdadeiro. <3 acho que deve ser isso, não é um surto (com certeza você ta mais pronta que nunca)” (91 curtidas).

**Comentário 8:** “menina choquei..ao ver voce.....ameiiiiiii.....mulher de coragem!!!!!!”.

**Comentário 9:** “Adorei!! Já fiz esse corte algumas vezes na vida. Isso é pra gente corajosa e ousada!! Parabéns!!!”.

**Comentário 10:** “Acho lindo, estou criando coragem para cortar”.

Nesses comentários, tais discursos de coragem estão associados à estética, já que parecem indicar uma busca pelo cabelo bonito e deslocam o sentido dos discursos de luta e de força com frequência associados às mulheres negras, por exemplo. Desse modo, esses discursos atuam por uma perspectiva mercadológica de beleza e não tem a ver com os discursos históricos de luta e de resistência, modificando, inclusive, a concepção de empoderamento, como venho debatendo ao longo deste estudo.

Além dos discursos de coragem, no comentário 7 tem-se, novamente, a produção de si por meio do cabelo: **“nath, dizem que quando a gente coloca um cabelo pra mostrar mais o nosso rosto significa que estamos mais prontos a sermos nós mesmos, assumir nossa vida, quem a gente é. É um simbolo de coragem, e vontade de se mostrar verdadeiro. [...]”**. Assim, neste trecho, vemos enunciados que giram em torno da autoaceitação, pois a pessoa argumenta que o ato de mostrar o rosto ao cortar os cabelos é influenciado, também, pelo desejo de subjetivação e de transformação de si, sendo então, para a pessoa internauta, um símbolo de coragem (já debatido).

Adiante, destacarei os comentários com menos curtidas, mas que também centralizam os discursos de libertação e de autoestima por meio do cabelo:

**Comentário 11:** “Eu sempre amei cabelo curto. Cortei no ombro algumas vezes. Há 1 ano e meio, cortei na nuca e todos falavam q preferiam antes, que meu cabelo era lindo. Eu fiquei com tanta vergonha q n queria sair de casa. Fiquei muito tempo mal, quase entrei em depressão. Não sejam essas pessoas que falam q preferiam antes, pois realmente n tem o q fazer, n tem como colar o cabelo dnv” (8 curtidas).

**Comentário 12:** “Passei pela mesmíssima situação, blo. Meu cabelo era enorme, fazia uns cachinhos nas pontas, pra onde eu ia as pessoas elogiavam, mas eu não me reconhecia. Quando eu cortei eu ouvi muito que era um crime, que meu cabelo era lindo, e era mesmo, mas cortar ele fez parte de um processo de autoconhecimento, e quando eu cortei pixie eu finalmente pude me reconhecer no espelho. É um processo que quem nunca passou por isso vai achar estranho e vai criticar e também faz parte dessa jornada a gente não absorver esses comentários.

Foi a melhor coisa que eu fiz na vida, um dia talvez eu volte a ter cabelo grande, mas vai ser porque eu quero e não porque me foi imposto” (4 curtidas).

**Comentário 13:** “Tá maravilhosaaaa! Eu usei cabelo enorme por muito tempo, assim que cortei curtinho (do tamanho do seu), ouvia muitos comentários ridículos. Na época não tinha tanta referência no dia a dia, acho importantíssimo você falar sobre isso abertamente e que as mulheres possam escolher seus cabelos da forma como se sentem bem! E, sinceramente, cortar o cabelo curto é uma desconstrução muito grande de nós com nossa aparência e nosso rosto, passamos a vê-lo de outro jeito. ♡” (1 curtida).

Nesse bloco, gostaria de tecer algumas considerações a respeito dos discursos de discriminação, centrais nos três comentários, por meio de relatos de vergonha pelo cabelo curto e a não aceitação social das pessoas que estão fora dos padrões vigentes. No comentário 11, destaco o trecho: **“Eu fiquei com tanta vergonha q n queria sair de casa. Fiquei muito tempo mal, quase entrei em depressão”** por evidenciar a relação e os atravessamentos dos discursos de autoestima, de vergonha e de bem-estar com os cabelos: as pessoas, por conta da rede de poder-saber que envolve os fios, se sentem melhores ou piores emocionalmente dependendo do modo como esses estão, e isso altera, ainda, outros aspectos da vida, como a vontade de sair de casa, por exemplo.

Outro ponto relevante de análise são as associações dos cabelos curtos a crimes, num processo de reforço das características negativas e das estratégias de exclusão – em termos foucaultianos –, que criam efeitos de cabelo curto perigoso, como se constata no comentário 12: **“Quando eu cortei eu ouvi muito que era um crime, que meu cabelo era lindo”**.

No mesmo comentário, há enunciados de reconhecimento de si por meio do cabelo: **“[...] cortar ele fez parte de um processo de autoconhecimento, e quando eu cortei pixie eu finalmente pude me reconhecer no espelho. [...] Foi a melhor coisa que eu fiz na vida, um dia talvez eu volte a ter cabelo grande, mas vai ser porque eu quero e não porque me foi imposto”**. Assim, além de discursos positivos de adesão aos fios curtos, surgem também os discursos de liberdade ancorados nas possibilidades de escolha sobre cortar ou deixar crescer os cabelos, comum nos movimentos de recusa dos padrões de corpos e de cabelos vigentes, popularizados nas redes sociais nos últimos anos. Nos dois casos, há um apagamento essencial: das condições de produção dos discursos sobre as mulheres. O que se nota é ou um tratamento individualista da liberdade e da coragem, como características subjetivas, ou a narrativa de final eufórico, que aponta momentos de preconceito e de

superação, novamente relacionados às mulheres individualmente. Esse apagamento histórico-social, acredito, aponta ainda para a própria vagueza com que liberdade e coragem são tratadas nos comentários.

Nessa esteira, o comentário 13 também ilustra três dos aspectos já mencionados: 1) o uso do termo “curtinho” para atenuar o corte dos cabelos, na hierarquia dos cabelos mais ou menos aceitos socialmente; 2) o discurso de defesa de que as mulheres possam decidir sobre seus cabelos sem que isso as coloque em situações de constrangimento ou discriminação; 3) o processo de desconstrução que o corte dos cabelos exige, numa ressignificação da estética, bem como numa produção de si. Além desses discursos, saliento o seguinte trecho: **“Na época não tinha tanta referência no dia a dia, acho importantíssimo você falar sobre isso abertamente”** por indicar a ausência das mulheres de cabelos curtos e carecas nos discursos históricos, conforme apresentei no capítulo 3, e os impactos desse apagamento na produção de outras identidades, já que as visibilidades, ainda que construam dessubjetividades, podem influenciar na escolha feita por outras pessoas de “assumir” novos cabelos, por exemplo.

Por esse viés, a prática de cortar ou raspar os cabelos pode ser lida como resistência ao mesmo tempo e ambigualmente que é atravessada pelos enunciados de desconstrução e de autoaceitação na medida em que, nos comentários, muitas mulheres relevam ter sido questionadas sobre a “coragem” para “radicalizar”, num jogo de poder-resistência que, novamente, coloca apenas nas mulheres, na maior parte, a responsabilização pela mudança. Nessa ambiguidade,

A vida e o corpo não podem ser reduzidos à resistência, nem ao combate, ao trabalho, menos ainda à disciplina; o corpo também é feito de resiliências, negociações, resguardos e, sobretudo, de ambiguidades, de preguiça e de prudência (palavra esta meio fora de uso!). (SANT’ANNA, 2020, p.4)

Na sequência, serão apresentados os comentários da publicação feita no *Instagram* da influenciadora, ressaltando que, aqui, a regularidade dos discursos me interessa mais do que o número de curtidas, por isso, as postagens em que houve interação através de curtidas serão sinalizadas com a informação entre parênteses. Esclarecimentos feitos, o primeiro comentário apresentado é o de Gabi Vasconcellos, uma das mulheres destacadas na publicação da Nathaly como inspiração por seus cabelos curtos:

**Comentário 14 (gabivasconcellosv):** “Ahhh Blo. Que honra estar aqui ♥ obrigada! E obrigada principalmente por esse post! Que ele incentive mais

mulheres que têm vontade de arriscar em um corte curtinho a se libertarem dos questionamentos alheios.” (80 curtidas).

**Comentário 15:** “O curto pra mim foi libertador.” (19 curtidas).

**Comentário 16:** “Cabelo curto é liberdade e alívio. 😊” (8 curtidas).

**Comentário 17:** “Nada mais libertador que cortar o cabelo”.

Assim como nos comentários do *Youtube*, os discursos de liberdade também são associados ao corte de cabelo e, ambigualmente, à recusa dos padrões de cabelos e corpos socialmente construídos. Porém, é possível notar a ambiguidade dessa recusa no comentário 16, no qual a liberdade aparece relacionada ao sentimento de alívio, conectando, desse modo, os discursos com os sentimentos, num processo de transformação de si através do cabelo.

Ademais, a partir do número expressivo de comentários em que os discursos de liberdade pelo corte de cabelo aparecem, também é possível analisar a produção de novos padrões a partir dos cabelos, em que os curtos viram a norma para as pessoas que desejam ser livres, numa técnica de controle que envolve a aceitação e a popularização dos cabelos curtos, no processo de subjetivação e, ao mesmo tempo, de dessubjetivação que venho tratando.

Ainda, a partir dos comentários ilustrados, conforme venho afirmando, há um movimento de cortar os cabelos para recusar os padrões de feminilidade e de corpo. Tais práticas se materializam nos discursos de resistência e de beleza, já que muitos comentários ressaltam o quanto a *Blogueira de Baixa Renda* ficou mais bonita e empoderada depois de aderir aos cabelos curtos, principalmente no vídeo no *Youtube*. Por esse viés, quais os limites das práticas de resistência e de controle dos corpos? Considerando as ambiguidades desses discursos de recusa dos padrões que, ao mesmo tempo, recuperam enunciados de beleza. Além disso, como já afirmei, apagam o solo histórico e o debate mais amplo sobre os racismos, quando se centram apenas no caráter individual da transformação.

Além dos cabelos curtos, também me interessa olhar para os discursos a respeito das carecas, como já mencionado. No *Youtube*, não há muitos comentários que tratam das mulheres que raspam os cabelos, mas, entre as postagens encontradas, os discursos de libertação também se sobressaem. Já no *Instagram*, é possível observar uma quantidade maior de mulheres adeptas da careca, também ancoradas em discursos de resistência e de liberdade aos padrões estéticos construídos. Outro aspecto importante refere-se ao fato desses

comentários terem um grande número de curtidas, num efeito positivo que visibiliza essas práticas, evidenciando o interesse do público virtual por esses discursos e corporalidades:

**Comentário 18:** “A mulher que raspa o cabelo sente uma liberdade, um pertencimento da feminilidade, que é surreal! Tá liiinda!♥”.

**Comentário 19:** “Meninaaaaaa, que atitude mais linda! Tenho 37 anos, raspo minha cabeça desde os 15, e sempre, sempre, sempre, escuto absurdos da minha família, me chamam de feia, dizem que não posso, mas eu sigo plena 😊😏😏” (108 curtidas).

No comentário 18, assim como em outros já expostos, aparece o discurso de liberdade por meio da prática de raspar o cabelo e, na ambivalência já mencionada, há uma conexão entre feminilidade e adesão à careca, num reforço positivo – “**A mulher que raspa o cabelo sente uma liberdade, um pertencimento da feminilidade, que é surreal!**”. Nesse caso, tal discurso de feminilidade parece estar mais relacionado à concepção de empoderamento difundida (às vezes de forma esvaziada) nos discursos virtuais do que aos debates sobre feminilidade e inferioridade apresentados pelas feministas, mas, ainda assim, cria efeitos ao ressignificar a relação entre careca e feminilidade.

Já no comentário 19, destaco, pois, o seguinte trecho: “[...] sempre, escuto absurdos da minha família, me chamam de feia, dizem que não posso, mas eu sigo plena”. Nele, aparecem dois discursos relevantes para este estudo: o primeiro deles diz respeito às opiniões negativas a respeito da careca, inclusive por parte da família, relato comum nos comentários e que possibilita uma reflexão sobre o distanciamento dos familiares da rede de apoio – observada em muitas narrativas virtuais. Essa não aceitação pode ser entendida pela produção de sentido em torno do que significa a instituição familiar: aquela que garante as normalidades e os enquadramentos. Por esse viés, logo na sequência, aparece o discurso de proibição, associado à careca, em que essa instituição familiar acredita ter o poder (perverso) de decidir os cabelos permitidos ou não. Assim, para ser “aceita” e, ainda, “bonita” a pessoa precisa ter os fios compridos, dentro da normalidade socialmente construída de beleza e de corpo. No entanto, como prática de resistência, nesse comentário tem-se o discurso de empoderamento no qual a seguidora afirma seguir “plena” mesmo diante das críticas à sua beleza.

## 6.2 OS DISCURSOS DE RECUSA DOS PADRÕES HETEROCISNORMATIVOS

Na seção anterior, tratei dos discursos de liberdade centrais nos comentários observados no vídeo no *Youtube* e na publicação no *Instagram* da *Blogueira de Baixa Renda* e o jogo ambivalente que aparece nesses discursos. Todavia, também há uma regularidade no interior desse dispositivo capilar que se refere aos movimentos de recusa dos padrões socialmente construídos de gênero, de feminilidade, de sexualidade e de corpo.

Desse modo, a própria publicação da Nathaly no *Instagram* chama atenção para esses padrões heterocisnormativos: *Cabelo curto não é coisa de homem*, sendo o título da publicação uma resposta e problematização dos comentários que a influenciadora recebeu, nos quais os seus cabelos curtos foram relacionados a características masculinas.

Assim, apresentarei alguns comentários em que os discursos de recusa dos padrões de feminilidade e sexualidade aparecem e as problematizações feitas nesses discursos tanto no *Youtube* quanto no *Instagram*, chamando atenção para o fato de essas reflexões terem sido mais recorrentes no *Instagram* do que no *Youtube* (talvez pela proposta de narrar as experiências feita pela influenciadora no *Instagram*):

**Comentário 20:** “Nossa tive um susto quando te vi com esse cabelo cortado, você ficou parecendo um homem”.

**Comentário 21:** “infelizmente sim, minha vó não está falando comigo porque cortei o meu cabelo curtinho como o seu e de acordo com ela ‘me tornei homem’”.

**Comentário 22:** “muitas vezes, quando eu tava com cabelo curtin[h]o, principalmente na rua me olhavam torto, já sofri muito preconceito mesmo, coisas absurdas já falaram, inclusive duas cenas que me marcaram uma foi quando uma senhora ficou apontando pra mim na minha frente e comentando com outra mulher ‘o que é isso?, o que é isso em? é um menino ou uma menina?’ coloque uma fala de desdém mil vezes pior, e outra um senhor me perguntou [s]e eu estava querendo ser um menino, porque ele disse que a maioria que cortava o cabelo assim estava querendo”.

**Comentário 23:** “Cabe a reflexão do que é ser homem ou mulher. É um cabelo? Eu entendo que é um se nomear, se inscrever enquanto homem, mulher, não-binário, gênero fluido... homem/mulher são performances que tem que ser repetidamente reafirmadas pois nem são naturais. Me pergunto até se existe mesmo então se alguém reduz ser homem a cabelo curto, ela já coloca todos os homens de cabelo grande no lado mulher”.

**Comentário 24:** “Mais de 20 anos de cabelo curto e o discurso não muda. Questionam a feminilidade, a sexualidade, a falta do q puxar na hora do sexo. Já ouvi de boy mega aleatório coisas do tipo: é até bunitinha mas não dá pra puxar. Ah é querido é só isso q tu sabe fazer?” (1 curtida).

**Comentário 25:** “Ainda mais quando voce se relaciona com mulheres. Pro mundo heteronormativo voce automaticamente é colocada no lugar de homem”.

**Comentário 26:** “Quando eu usava esse corte da [@pretaraujo](#), um funcionário do shopping me viu pelas costas entrando no banheiro feminino e mandou uma colega dele entrar lá pra buscar o "senhor" que tinha entrado. Ela escutou minha voz e sumiu. Quando saí do banheiro, não vi ninguém. Acho que se esconderam de vergonha”.

Nesses comentários expostos, gostaria de destacar o discurso de normalização a partir de tecnologias de vigilância, em que os relatos indicam uma prática de controle dos corpos por meio de opiniões sobre os que as mulheres fazem com os seus cabelos, seus corpos e, ainda, suas escolhas de relacionamentos. Assim, iniciarei essas observações a partir do comentário 20: “Nossa **tive um susto quando te vi com esse cabelo cortado, você ficou parecendo um homem**”. Neste, a pessoa que viu Nathaly com o cabelo curto diz ter tomado um susto, como se a sua sensação fosse fundamental em relação ao cabelo da blogueira, também num movimento de, talvez, com a “denúncia” de masculinização, influenciá-la a não repetir mais o corte, caso não queria “parecer um homem”. Nesse sentido, é possível notar uma tentativa de “abalar” essas mulheres que se recusam a seguir padrões para que retornem à norma gendrada – desta vez, um tanto mais precisos e menos voltado apenas às mulheres individualmente, como no comentário 23.

O mesmo parece acontecer no comentário 21: “**minha vó não está falando comigo porque cortei o meu cabelo curtinho como o seu e de acordo com ela ‘me tornei**

**homem”**, em que também aparece a instituição familiar atuando nos enquadramentos, já que a avó procura controlar os cabelos das outras pessoas de sua família por meio dessa normalização gênero-corporificada. Além disso, também é importante analisar nesses relatos a instabilidade da categoria homem e mulher, que se modifica a partir do corte de cabelo (mais ou menos curto como sinônimo de definição sobre ser mais ou menos mulher e, nessa esteira, mais ou menos socialmente aceita).

No comentário 22, igualmente tem-se essa instabilidade das categorias: “[...] **uma senhora ficou apontando pra mim na minha frente e comentando com outra mulher ‘o que é isso?, o que é isso em? é um menino ou uma menina?’ [...] e outra um senhor me perguntou [s]e eu estava querendo ser um menino, porque ele disse que a maioria que cortava o cabelo assim estava querendo**”. Nesse relato, são narrados dois episódios em que essa tecnologia de vigilância/exigência de autoafirmação a qual venho debatendo se materializa: as pessoas precisam/exigem saber sobre as escolhas do outro para, a partir disso, enquadrá-las dentro de categorias bastante limitadas e o segundo episódio demonstra a relação do cabelo com tais enquadramentos.

Essa problematização a respeito do corpo-gênero é feita no comentário 23: “**Cabe a reflexão do que é ser homem ou mulher. É um cabelo? Eu entendo que é um se nomear, se inscrever enquanto homem, mulher, não-binário, gênero fluido... homem/mulher são performances que tem que ser repetidamente reafirmadas pois nem são naturais. Me pergunto até se existe mesmo então se alguém reduz ser homem a cabelo curto, ela já coloca todos os homens de cabelo grande no lado mulher**”. Tal comentário aborda muitas das reflexões que venho propondo ao longo desta pesquisa, sobretudo no capítulo sobre os feminismos, e demonstra certa consciência da pessoa que escreve a respeito dessas críticas feitas pelos movimentos feministas a respeito das categorias de gênero e fundacionismo biológico.

Por esse viés, é interessante pensar no fato de que esse comentário, por exemplo, não teve nenhuma curtida, mesmo propondo reflexões que dialogam justamente com os discursos de liberdade, de empoderamento e de resistências, regulares nas narrativas observadas. Ele é, considero, uma marca de tensionamento, que recupera – como venho afirmando – um solo discursivo para o problema dos cabelos afro das mulheres. Isso pode revelar que o interesse das pessoas que comentaram nas publicações da *Blogueira de Baixa Renda* está voltado ao discurso da liberdade como escolha individual e, mais importante para esta análise, essa

liberdade individual está associada à estética, à beleza, ao bem-estar, numa forma de nova regulação – ao invés de se centrar em problematizar as implicações das estratégias de controles dos corpos femininos.

Adiante, no comentário 24 – “Questionam a feminilidade, a sexualidade, a falta do q puxar na hora do sexo [...]” –, volta a aparecer uma discussão mais ampla; além da associação dos cabelos com a sexualidade, mais ou menos masculina conforme o comprimento dos fios, também aparece o discurso, socialmente construído, de fetiche pelo cabelo comprido (que pode ser observado já no início do século XX, conforme exemplificado no capítulo 4). A reflexão fundamental aqui seria o fato de os discursos de discriminação, ainda nos dias atuais, estarem ancorados nessa perspectiva de “ter o que puxar no sexo”, evidenciando outra problemática a respeito da submissão das mulheres nas relações afetivas e sociais, também parte desse imaginário sobre os cabelos longos (essa discussão será retomada mais para frente).

Ainda a respeito da relação socialmente construída entre cabelo e sexualidade, temos o comentário 25: “**Ainda mais quando voce se relaciona com mulheres. Pro mundo heteronormativo voce automaticamente é colocada no lugar de homem**”. Nele é possível observar esse enquadramento engessado de que o cabelo curto legitima a sexualidade da pessoa que se relaciona com mulheres, em que “faz parte do pacote” de se relacionar com elas querer ser homem, e isso inclui o corte de cabelo curto. Noto, ainda, o esforço por uma adequação conceitual no uso do “heteronormativo”.

Na sequência, analisarei, então, o comentário 26: “Quando eu usava esse corte da @pretaraujo, **um funcionário do shopping me viu pelas costas entrando no banheiro feminino e mandou uma colega dele entrar lá pra buscar o "senhor" que tinha entrado. Ela escutou minha voz e sumiu [...]**”. Em tal comentário, materializa-se a construção social do corpo gendrado e, nesse caso, a distinção pela voz, que opera na produção das identidades: mais homem ou mais mulher, de acordo com a sonoridade da voz.

Assim, nessa tecnologia de controle dos corpos, pode-se perceber o número expressivo de relatos em que as estratégias de exclusão (FOUCAULT, 2005) podem ser observadas. Nesse sentido, mesmo com a popularização nos últimos anos dos discursos de liberdade nos movimentos feministas, de gênero, de raça e de classe, alguns padrões corporais-gendrados-raciais ainda se mantêm. Conforme aponta bell hooks, “[...] a obsessão da nossa nação por

julgar mulheres de todas as idades com base em nossa aparência jamais foi eliminada” (hooks, 2019, p. 60).

Abro parênteses para um breve panorama histórico a respeito das práticas de resistência: nos discursos da chamada segunda onda do feminismo, nos anos 1960 e 1970, como dito anteriormente, as feministas já reivindicavam a liberdade sobre os próprios corpos, mas, ainda na contemporaneidade, é necessário explicar e debater a respeito da decisão de cortar ou raspar os próprios cabelos.

Ademais, as críticas à concepção de feminilidade (das mulheres brancas) também ocorriam nos anos 1990, como apresentado no capítulo 3. No entanto, por conta da inferiorização das pessoas negras, as mulheres negras, nessa época em que as brancas lutavam pelas práticas de liberdade dos corpos, se encontravam no espaço de subalternidade e desumanidade, já que “[...] as mulheres negras lutavam para serem consideradas pessoas” (RIBEIRO, 2018, p. 52). Nesse sentido, a concepção de feminilidade defendida pelas brancas na década de 1990 não diz respeito às negras e, dessa forma, a construção dos imaginários a respeito dos cabelos afros também é modificada, sendo atrelado a características negativas: o cabelo que é sempre curto, que é volumoso, que não é macio, nem mesmo delicado.

Assim, esse controle dos corpos pelo cabelo comprido e liso pode ser lido como estratégia biopolítica a partir dos discursos de feminilidade e de branqueamento. Por isso, os deslocamentos a respeito do gênero, da raça e do corpo no dispositivo capilar tornam-se positivos na medida em que fazem parte da construção da subjetividade daquelas que decidem cortar ou raspar os cabelos como prática de resistência.

Fecho parêntese e vou adiante para analisar os comentários em que o corte de cabelo também recupera discursos de inferiorização das mulheres:

**Comentário 27:** “Nath do céu!!! Vc ficou maravilhosa!!!! Tá com cara de Ryca!!!! Lindíssima. Em 2019 meti a tesoura no meu tbm. De cabelão a Joãozinho. Meu marido quase morreu. Ele falou que preferia comprido. Virei pra ele e mandei ele deixar o dele crescer. 😊😊😊 Eu adorei o visual. Parabéns!”.

**Comentário 28:** “O pior comentário que escutei foi: "e o seu namorado gostou?". Meu anjo, quem tem que gostar sou eu. 🧑♀️” (34 curtidas).

**Comentário 29:** “Siiiiiiim... Já ouvi: Está doente? Nossa, gostava dele comprido. Que bom que cabelo cresce. Meu Deus, o que seu marido acha disso? Cabeça raspada? Não vai conseguir emprego. Achei que você era hetero... entre outras. ”.

Nesses comentários, aparecem relatos em que discursos de inferiorização das mulheres são ancorados no machismo, por meio dos questionamentos sobre como os companheiros dessas mulheres reagiram ao corte de cabelo; novamente, a ação de transformação é um relato bastante individualizado que pouco informa sobre a discussão racial-gendrada do feminismo, ainda que aponte para uma prática recorrente das mulheres.

Além disso, tomo o comentário 27 – **“Em 2019 meti a tesoura no meu tbm. De cabelão a Joãozinho. Meu marido quase morreu. Ele falou que preferia comprido. Virei pra ele e mandei ele deixar o dele crescer [...]”**. É possível perceber uma ambiguidade nessa narrativa: ao mesmo tempo em que pessoa dá a entender que o seu corte de cabelo resultou de certa prática de resistência e de empoderamento, o modo como ela define o seu cabelo “de cabelão a Joãozinho” carrega nesse discurso a mesma discriminação que ela busca recusar, pois atribuir uma nomenclatura masculina para o estilo de cabelo curto reforça os enquadramentos gênero-corporificados. Assim, é necessário enfatizar, nesse sentido, a presença, em muitos dos comentários, de discursos LGBTQIAfóbicos por parte das pessoas que estão relatando suas experiências, nesse reforço dos enquadramentos que venho mencionando.

Logo em seguida, tal jogo ambivalente ganha destaque quando a pessoa que apresenta o relato menciona o fato de seu marido “quase morrer” por “preferir o cabelo comprido”; por conta disso, ela recorre ao discurso de liberdade (novamente, vaga e individual) para argumentar que cada pessoa deve escolher sobre seu próprio corpo e cabelo. Então, ainda que a intenção do comentário fosse promover discursos de incentivo e de empoderamento, fica evidente o quanto discursos discriminatórios atravessam (de forma sutil em muitos casos) esses enunciados que visam as práticas de resistência e as transformações de si.

Adiante, nos comentários 28 e 29 também aparecem discursos que questionam a opinião dos companheiros sobre os cortes de cabelo, nesse processo que venho tratando como técnica de controle dos corpos das mulheres. Mais especificamente no comentário 29, além desses discursos de inferiorização, também surge a problemática do trabalho: “Cabeça raspada? Não vai conseguir emprego” e a respeito da associação entre cabelo e sexualidade “Achei que você era hetero...”, já debatida nesta pesquisa. Assim, a respeito da desvalorização profissional por

conta dos cabelos, culturalmente, alguns tipos de cabelo são mais aceitos, como os lisos e longos, por exemplo, não à toa, discursos que envolvem não conseguir emprego por causa dos cabelos também parecem uma tentativa de manutenção da normalidade – branca, heteronormativa, elitizada.

Antes de encerrar esta seção, farei uma breve análise a respeito da escolha dos emojis utilizados nesses três comentários. Como já mencionado, a regularidade dos relatos diz respeito aos discursos de discriminação e de inferiorização por meio do cabelo e, nesse sentido, por conta dos questionamentos das pessoas a respeito do cabelo “alheio” e da exigência social de certa “permissão dos companheiros”, os emojis criam efeitos irônicos de perplexidade, de impaciência e de empoderamento, que, mesmo observadas ambiguidades em alguns trechos das narrativas (como no comentário 27), auxiliam na produção desses discursos de incentivo e na construção de redes de apoio, comuns, como já dito, nos movimentos de resistência. Contrariamente aos discursos individualistas, é em um dos emojis que, parece, um discurso feminista se materializa: 🧑♀️.

### 6.3 OS CABELOS CURTOS E OS DISCURSOS DE DOENÇA

Como já dito, os discursos de doença atrelados aos cabelos curtos e mulheres carecas motivaram este estudo – a partir de Angela, em *Hair Love* –, por conta dos tensionamentos entre: 1) Os discursos de autoaceitação diante da perda dos fios por conta de problemas de saúde; 2) As pessoas que se identificam como mulheres cortarem ou rasparem os cabelos por opção, sem nenhum problema clínico; 3) Os enunciados de sofrimento e de coragem que aparecem no interior dos discursos a respeito dessas práticas.

Isto posto, aqui irei expor os comentários em que as práticas dos cabelos curtos ou raspados nas pessoas que se identificam como mulheres são associadas aos discursos de doença, de sofrimento ou de punição:

**Comentário 30:** “Aí na fala.. Qdo quase raspei o cabelo tinha que dizer dizendo que não estava doente, nem tinha virado homem ou lésbica. Santa paciência viu!?”.

**Comentário 31:** “Cortei o meu cabelo, e pra todos a minha volta, vierem dizer: nossa mais pq você cortou? Como se eu tivesse com depressão ou algo do tipo”.

**Comentário 32:** “Me perguntaram se estava com PIOLHOS!”.

**Comentário 33:** “Sim, falaram para mim vc está se punindo?”.

**Comentário 34:** “Fiz a mesma coisa em abril/2020. Raspei geral, tava de saco cheio. Recebi um super apoio dos amigos e teve gente que chamou de doida” (26 curtidas).

**Comentário 35:** “Amei seu cabelo! Parece que vc tinha esse corte sempre! P.s: não acredito que em pleno 2021 as pessoas ainda olham e questionam se é isso mesmo que quer fazer. Eu cortei o meu beem curto (máquina 2), lá pelo ano de 2000 e pessoas diziam a mesma coisa. Teve até cabeleireiro que se recusou em cortar meu cabelo com máquina. Tive que ir atrás de um salão que fizesse esse tipo de corte. Enfim, cortei e daí tive que enfrentar as pessoas na rua me olhando torto ou até crianças perguntando se eu tinha alguma doença (câncer e o cabelo caiu). Mas eu amei e amo até hoje. Na época eu comecei a usar brincos enormes foi babado!! Bjus e curta seu novo cabelo!” (2 curtidas).

Ressalto, pois, o entrecruzamento desses enunciados expostos acima e as discussões da seção anterior a respeito dos padrões heterocisnormativos, já que esses discursos de que apenas mulheres doentes podem ter cabelos curtos também está relacionado ao fato de os cabelos longos serem considerados adequados para mulheres ditas saudáveis. Ao que parece, estamos aqui diante de um modelo de “histerização das mulheres”, como o descrito por Foucault (2017), visto que é na anormalização e na doentização capilar-gendrada que se ancoram as estratégias de falar sobre essas mulheres.

Além disso, gostaria de destacar, aqui, o comentário 34 – “**Raspei geral, tava de saco cheio. Recebi um super apoio dos amigos e teve gente que chamou de doida**”. Primeiro, a materialização da loucura, uma memória recorrente na enunciação sobre as mulheres. Enfatizo a estratégia excludente de questionar a sanidade mental da pessoa por conta do corte de cabelo, assim como relacionar tal corte com problemas de saúde como a depressão. Essa estratégia, conforme venho debatendo, também faz parte das tecnologias de controle dos corpos e parece uma tentativa de deslegitimar as escolhas das mulheres, a qual poderia ser associada à histeria feminina descrita por Foucault (2017), ao pensar sobre as tecnologias

sexuais. Depois, porém, é mencionada a rede de apoio na *forma da amizade* – em detrimento do amor romântico e do embate com os homens das seções anteriores. Acredito que tais redes são comuns nos movimentos de resistência e perpassam os discursos de empoderamento, por exemplo, mas, aparentemente, não são mencionadas nos comentários, ainda que eles próprios sejam interações das pessoas com a blogueira e que visem, em muitos dos casos, estabelecer essa rede de apoio com Nathaly.

Por meio desses relatos, nota-se um recorrente enquadramento – à luz de Butler (2015) – que padroniza os cabelos curtos e raspados em mulheres como sinônimo de terem sido acometidas por doenças ou sofrimentos. Não à toa, nas mulheres, os cabelos curtos ou a ausência de fios também são associados às formas de punição – como mencionado no comentário 33: “[...] **falaram para mim vc está se punindo?**” –, revelando uma tendência dos discursos de opressão em relação ao comprimento dos cabelos das mulheres, num processo de dessubjetivação<sup>7</sup>.

Para finalizar, no comentário 35 – “[...] não acredito que em pleno 2021 as pessoas ainda olham e questionam se é isso mesmo que quer fazer. Eu cortei o meu beem curto (máquina 2), lá pelo ano de 2000 e pessoas diziam a mesma coisa. **Teve até cabeleireiro que se recusou em cortar meu cabelo com máquina. Tive que ir atrás de um salão que fizesse esse tipo de corte. Enfim, cortei e daí tive que enfrentar as pessoas na rua me olhando torto ou até crianças perguntando se eu tinha alguma doença (câncer e o cabelo caiu).** [...]” –, além da associação dos cabelos curtos às doenças, como o câncer, tal como aparece em outros comentários já mencionados, também é relatada a recusa de cabeleireiros por cortar os cabelos das mulheres, mais uma vez nesse controle sobre as escolhas e os corpos dessas.

Dito tudo isso, por meio dos comentários apresentados, proponho pensar nesses discursos de doença, de punição ou de loucura que envolvem as práticas de cortar ou raspar os cabelos. Tais discursos também se interligam àqueles que se referem às práticas de resistência e recusa dos padrões, mas, embora nesses comentários pretenda-se elogiar e empoderar a influenciadora, da forma como são materializados transmitem o entendimento de que as práticas de cortar ou raspar os cabelos ainda permanecem negativas, o que gera outros tensionamentos.

---

<sup>7</sup> Sob esse aspecto, cito de exemplo o último episódio da série *Chewing Gum* (2017), em que a personagem Candice tem o cabelo cortado pelo ex-companheiro como forma de punição por tê-lo traído. Assim como Candice, a página *Mas ele nunca me bateu* também apresenta relatos de mulheres que tiveram seus cabelos cortados pelos seus companheiros como forma de punição e violência.

Assim, gostaria de sistematizar as regularidades discursivas observadas nos comentários no vídeo e na publicação da *Blogueira de Baixa Renda* – as quais já fui destacando no decorrer do estudo. Como já debatido ao longo desta seção, os discursos de liberdade e beleza foram os mais recorrentes, seguidos pelas problematizações a respeito dos padrões heterocisnormativos que definem os tipos de corpos e de cabelos que as pessoas que se identificam como mulheres devem usar, a partir de enunciados de feminilidade (atrelados aos cabelos longos) e sexualidade (a respeito das relações binárias entre homens e mulheres). Nos dois casos, a estratégia adotada, de forma geral, é de inscrever a liberdade e a coragem no campo individual, o que tem por consequência: i) um apagamento dos debates sobre mulheres, gênero e raça; ii) uma responsabilização das mulheres; iii) uma ligação entre liberdade, transformação e estética.

Ainda, foi possível observar nos comentários a relação ambígua em que as práticas dos cabelos curtos ou raspados nas pessoas que se identificam como mulheres são associadas aos discursos de doença, de sofrimento, de punição e de coragem, revelando o entrecruzamento desses discursos nas práticas capilares e a cisão biopolítica que pretende romper com essas tecnologias de controle, numa busca por liberdade e possibilidades outras.

Ademais, enfatizo que embora os discursos das mulheres que optam por cortar ou raspar os cabelos voltam-se, em muitos dos casos, a enunciados de beleza e busca por amor-próprio, ainda assim, essas práticas causam positividade na medida em que atuam na construção da subjetivação dessas mulheres.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendi, com este estudo, analisar os discursos de liberdade a respeito das práticas de cortar ou raspar os cabelos realizadas por mulheres considerando o jogo ambíguo no interior desses discursos. Para isso, selecionei o vídeo *Mudança radical no cabelo*, GOSTASTES, disponível no *Youtube*, e a publicação *Cabelo curto não é coisa de homem*, publicada no *Instagram*, com o intuito de observar as regularidades discursivas que aparecem nos comentários das duas postagens, a partir das críticas aos cabelos curtos da *Blogueira de Baixa Renda* associados a características masculinas.

Assim sendo, por meio dos comentários, descrevi os tensionamentos do dispositivo capilar, na medida em que os enunciados de: 1) liberdade e beleza; 2) doença e sofrimento e; 3) coragem se entrecruzam no interior das práticas de cortar ou raspar os cabelos, num processo de resistência e, ao mesmo tempo, de normatização, visto que os comentários observados evidenciavam uma ambiguidade escorregadia – à luz de Haraway (1995) – em que as práticas capilares operam tanto por estratégias de poder quanto de resistências.

Encerro afirmando que, embora as práticas de cortar ou raspar os cabelos em busca de liberdade possam ser inscritas num jogo ambivalente, tais práticas ainda são potentes na medida em que seus efeitos incluem a subjetivação das mulheres que optam por usar os cabelos curtos ou ficarem carecas. Além disso, também é importante ressaltar que os discursos e práticas estão em constante deslocamento, por conta disso, a análise feita neste trabalho permanece em aberto, podendo ser revista e ressignificada a partir dos deslocamentos dessas práticas.



## REFERÊNCIAS

- BLOGUEIRA DE BAIXA RENDA. “Questionar corte de cabelo alheio é tão ultrapassado [...]”, 15 abr. 2021. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CNqmfDhAeF/>. Acesso em 12 jun. 2022.
- BLOGUEIRA DE BAIXA RENDA. Mudança radical no cabelo, GOSTASTES?, 5 jan. 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zk-wZVO-mww>. Acesso em 10 jun. 2022.
- BUTLER, J. *Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTTURI JUNIOR, A. O hiv, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 58, p. 637-657, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132019000200637&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132019000200637&tlng=pt). Acesso em: 07 abr. 2022.
- BUTTURI JUNIOR, A. A polivalência tática como teoria da resistência em Michel Foucault. In: BRAGA, A.; SÁ, I. de (org). *Microfísica da resistência: lutas antiautoritárias na contemporaneidade*. Campinas: Pontes, 2020.
- CARDOSO, C. P. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36757/28579>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- CREENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- CUNHA, Teresa. A análise comparativa das narrativas biográficas para teorizar na retaguarda (cap. 4). In: CUNHA, Teresa. *Never trust sindarela! Feminismos, pós-colonialismos, Moçambique e Timor-Leste*. Edições Almedina e CES, 2014.
- DE LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-242, 1994.
- DIAS, C. A Análise do Discurso Digital: um campo de questões. *Redisco*, Vitória da Conquista, v.10, n. 2, pp. 08-20, 2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515/2079>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault, beyond structuralism and hermeneutics*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1992 [1983].
- ESPOSITO, Roberto. *Bios: biopolítica e filosofia*. Trad. Wander Melo Miranda. Belo
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France, 1975-1976*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 19. ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GARCÍA, R. *Jada Pinkett Smith decidiu aceitar a perda de cabelo, por conta de doença*. 01 jan. 2022. Disponível em: <https://www.ofuxico.com.br/televisao/jada-pinkett-smith-decidiu-aceitar-a-perda-de-cabelo-por-conta-de-doenca/>. Acesso em: 09 jun. 2022.

GIAMPÁ, S. *Meu cabelo, minha história: \* De Oliveira -“Me perguntaram se eu estava com câncer ou HIV”*. 26 mar. 2016a. Disponível em: <http://cachosefatos.com.br/2016/03/meu-cabelo-minha-historia-de-oliveira-me-perguntaram-se-eu-estava-com-cancer-ou-hiv.html>. Acesso em: 26 abr. 2022.

GIAMPÁ, S. *O livro dos cachos: aprenda a amar e cuidar do seu cabelo como ele é*. São Paulo: Paralela, 2016b.

GILROY, P. *O atlântico negro*. Trad. Cid Knipel Moreira. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.5, pp.07-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 20 jun. 2022.

HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Bhuvan Libânio. 6.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HONORATO, F. *O que significa usar Black is Beautiful para promover uma linha de papel higiênico?*, 07 nov. 2017. Disponível em: <https://www.pressenza.com/pt-pt/2017/11/editorial-significa-usar-black-is-beautiful-promover-linha-papel-higienico/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MATOS, L. Transição capilar como movimento estético e político. In: *I Seminário Nacional de Sociologia da UFS*. Anais [...]. Sergipe: UFS, p. 845-858, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/snsufs/article/viewFile/6082/5095>. Acesso em: 30 mar. 2022.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. Editorial Melusina, 2011.

MBEMBE, A. *A crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Portugal: Antígona, 2014.

MBEMBE, A. *Políticas da inimizade*. Trad. Marta Lança. Portugal: Antígona, 2017.

MONTEIRO, D. *“Hoje eu sei me expressar”*: os discursos de empoderamento e de naturalização nas narrativas da transição capilar. 2020. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/219284/PLLG0818-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jun. 2022

NUNES, D. *O Cabelo, o alcoolismo e a decadência de Veronica Lake, a femme fatale de Hollywood*, 07 jul. 2021. Disponível em: <https://www.memoriascinematograficas.com.br/2021/07/o-cabelo-o-alcoolismo-e-decadencia-de.html>. Acesso em: 23 maio 2022.

- NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 09-41, 2000. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/11167>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- SANT'ANNA, D, B. A explosão do corpo - entrevista concedida a Atilio Butturi Junior. *Letra Magna*, n. 26, Dossiê Corpo-Linguagem, Linguagem-Corpo, pp.374-379, 2020. Disponível em: [http://www.letramagna.com/artigos\\_26/texto\\_21\\_26.pdf](http://www.letramagna.com/artigos_26/texto_21_26.pdf). Acesso em: 15 maio 2022.
- SANTOS, A. P. dos; SANTOS, M. R. dos. Eugenia no Brasil: os discursos sobre gênero, raça e nação e o branqueamento estético. In: XI Jornadas Latino-Americanas de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, 2016. Anais [...]. Disponível em: [http://www.esocite2016.esocite.net/resources/anais/6/1471464277\\_ARQUIVO\\_ArtigoANAP AULAMTSANTOSMARINESRSANTOS.pdf](http://www.esocite2016.esocite.net/resources/anais/6/1471464277_ARQUIVO_ArtigoANAP AULAMTSANTOSMARINESRSANTOS.pdf). Acesso em: 05 maio 2022.
- SANTOS, A. P. M. T. dos. *Tranças, turbantes e empoderamento de mulheres negras: artefatos de moda como tecnologias de gênero e raça no evento afro chic (Curitiba-PR)*. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: [http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2712/1/CT\\_PPGTE\\_M\\_Santos%2C%20Ana%20Paula%20Medeiros%20Teixeira%20dos\\_2017.pdf](http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2712/1/CT_PPGTE_M_Santos%2C%20Ana%20Paula%20Medeiros%20Teixeira%20dos_2017.pdf). Acesso em: 27 abr. 2022.
- RIBEIRO, D. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- VALENTE, A. *Josephine Baker, a dançarina, ativista e espiã bissexual que lutou contra o Nazismo*. 30 maio 2019. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2019/05/30/josephine-baker-a-dancarina-ativista-e-espia-bissexual-que-lutou-contra-o-nazismo/>. Acesso em: 07 jun. 2022.
- VIEGA, K. Os segredos do cabelo loiro de Marilyn Monroe. 21 jun. 2012. Disponível em: <https://patricinhaesperta.com.br/cabelos/os-segredos-do-cabelo-loiro-de-merilyn-monroe>. Acesso em: 09 jun. 2022
- WALKER, A. *In Search of Our Mothers' Gardens*. New York, Harcourt, Brace Jovanovich, 1983.